

ALAVOURA

ÓRGÃO OFICIAL DA SOCIEDADE NACIONAL DE AGRICULTURA

FUNDADA EM 1897

ANO LXXVII

SETEMBRO/OUTUBRO, 74

a moderna colheita de canas em GUARIBA



COMO ALIMENTAR O GADO LEITEIRO NA SÊCA



Capineiras é outra maneira de alimentar o gado leiteiro. Como capineiras, os capins-elefante napier, guatemala e cana-de-açúcar mantêm-se verdes e com ótimo rendimento, mesmo na sêca.



UMA COLABORAÇÃO

NESTLÉ

SETOR AGROPECUÁRIO

EDITORIAL

Com a fusão Guanabara-Estado do Rio de Janeiro e a escolha do Governador do novo Estado, cuja posse se dará a 15 de março do vindouro ano, já começaram, como é natural, os estudos para a programação do próximo período governamental.

Dentre os múltiplos problemas a serem equacionados, merece a maior atenção o relativo ao disciplinamento das águas superficiais das diversas bacias hidrográficas, sobretudo daquelas que interessam, concomitantemente, aos territórios do Grande Rio e Estado do Rio de Janeiro.

Esse problema, de há muito, tem sido abordado de maneira parcial, sem a profundidade que está a exigir. Em certas ocasiões, como em 1967, houve até mesmo necessidade da adoção de medidas de extrema emergência, que embora de resultados positivos, tiveram duração efêmera.

É chegado, pois, o momento azado para se estudar e programar, em definitivo, as soluções para esse grave problema, em cada uma das bacias hidrográficas de per si, objetivando evitar a ocorrência das enchentes periódicas; o combate à erosão e conseqüentes assoreamentos; a defesa ou restauração da cobertura florestal; o aproveitamento do potencial energético; a implantação da eletrificação rural; a execução de sistemas de irrigação e o abastecimento d'água de núcleos populacionais.

Como se vê, o problema é muito amplo, abrangendo a área de atuação de diversos órgãos governamentais, e em sendo assim, terá que ser coordenado por equipes especializadas, a fim de que o planejamento de cada uma dessas bacias hidrográficas considere toda a sua área, desde as nascentes à foz do canal central e de seus afluentes.

Só assim, cremos, poderão ser elaborados os projetos definitivos para cada uma dessas bacias, dando-lhes condições infra-estruturais capazes de permitir, com segurança, a exploração agropecuária, em bases de uma tecnologia moderna e com o aproveitamento completo do potencial de produção e produtividade. Por outro lado, fácil é prever, a radical transformação que se dará em toda a região beneficiada, do ponto de vista sociológico.

Órgão oficial da Sociedade
Nacional de Agricultura

A mais antiga e moderna revista agrícola
do Brasil

Circula desde 1897

ANO LXXVII SET.º/OUT.º
N.º 5

"A LAVOURA" — Fonte de informações
da AGRIS — Sistema internacional de
informações para ciências agrícolas e
tecnologia (FAO-IICA-CIDIA).



DIRETOR
CARLOS ARTHUR REPSOLD

Redator-Responsável
RUFINO D'ALMEIDA GUERRA FILHO

Comissão Técnica
Luiz Guimarães Júnior
Charles F. Robbs
Jayme Lins de Almeida
Octavio Mello Alvarenga

Os artigos assinados são de inteira
responsabilidade de seus autores.

EXPEDIENTE

Redação e Administração:
AV. GENERAL JUSTO, 171 - 2.º andar
— ZC-39 — GB
CAIXA POSTAL: 1245 — RIO — GB
FONES: 242-2981 — 242-7950

REPRESENTANTES:

PORTUGAL: TROFA — João Correia;
SÃO PAULO: REVESPE (Rua Capitão Salomão,
40 — 1003 — SP.

COLABORADORES DA SNA

Geraldo de Oliveira Lira (Chefe da Secretaria);
Sylvia Maria da Franca (Bibliotecária-Chefe);
Carlos Alberto Soares (Publicidade); Jacira Ro-
cha de Araújo (Assistente de Secretaria); José
Marques Sarabanda (Correspondente); Martha
Nise R. de Brito (Protocolista-Arquivista); Nil-
mar Camargo Amaral (Datilógrafo)

Diagramação, composição, montagem e impres-
são a cargo de JET PRESS, uma divisão da
Editora Lidador Ltda. — R. Paulino Fernandes,
58 — Tels.: 266-7179 e 266-4105 — Rio — GB.



(Fundada em 16-1-1897)

DIRETORIA ADMINISTRATIVA

Presidente: LUIZ SIMÕES LOPES

1.º Vice-Presidente: FLÁVIO DA COSTA BRITTO

2.º Vice-Presidente: KURT REPSOLD

3.º Vice-Presidente: GILBERTO CONFORTO

4.º Vice-Presidente: JOÃO BAPTISTA LUZARDO

1.º Secretário: CARLOS INFANTE VIEIRA

2.º Secretário: OTÁVIO DE MELLO ALVARENGA

3.º Secretário: JOSÉ RESENDE PERES

1.º Tesoureiro: JOAQUIM BERTINO DE MORAES CARVALHO

2.º Tesoureiro: OTTO FRENSEL

3.º Tesoureiro: JOÃO CARLOS FAVERET PORTO

DIRETORIA TÉCNICA:

- 1 — JALMIREZ GUIMARÃES GOMES
- 2 — ARY CARLOS XAVIER VELLOSO
- 3 — CARLOS ARTHUR REPSOLD
- 4 — FREDERICO MURTINHO BRAGA
- 5 — LUIZ GUIMARÃES JÚNIOR
- 6 — ARMANDO DAVID FERREIRA LIMA
- 7 — CHARLES FREDERICK ROBBS

COMISSÃO FISCAL:

EFETIVOS:

- 1 — AMARO CAVALCANTI
- 2 — ARNALDO GOMES DE MELLO
LEITÃO
- 3 — JOSÉ CARLOS FERREIRA CAMPELO

- 8 — JOÃO DE SOUZA CARVALHO
- 9 — FLÁVIO AURÉLIO WANDECK
- 10 — RAFAEL LINO SOUTO MAIOR
- 11 — FAUSTO AITA GAI
- 12 — ROMULO CAVINA
- 13 — RUFINO D'ALMEIDA GUERRA
FILHO
- 14 — PAULO AUGUSTO PEREIRA DE
CARVALHO
- 15 — MURILO PESSOA

SUPLENTES:

- 1 — SYNDORO CARNEIRO DE SOUZA
- 2 — CELSO GALVÃO CALDAS
- 3 — JOÃO CARLOS DE PETRIBU
DE CARLI

SÓCIO REPRESENTANTE EM PORTUGAL:
Dr. Domingos Rosado Victória Pires

SÓCIO REPRESENTANTE NO CANADÁ:
Francisco Soto Ravisé.

NOSSA CAPA

Colheita Técnica da cana — fotos tiradas em
Guariba, Estado de S. Paulo, por ocasião da vi-
sita do Diretor da A LAVOURA e do Editor
do BRASIL AÇUCAREIRO, à Cooperativa dos
Produtores de Cana de Açúcar do município
(Ver artigo pág. 23).

4.ª CAPA

BRIGADEIRO-JA — Primeiro Prêmio e Reser-
vado Campeão na II Exposição Nacional de
Guzerá realizada na Guanabara em 16/8/1974
Campeão Senior em Diversas exposições 5 anos
com 908 quilos Propriedade de João Carlos
Burguês de Abreu Fazenda Itaoca — Boa Sorte
Município de Cantagalo — RJ.

SUMÁRIO

Editorial	1
Quais Devem Ser as Pesquisas Agrícolas?	3
Judicatura Agrária Especializada	4
Razões Econômicas da Produção de Leite.	5
Influência da Inoculação de Rhizobium Phaseoli na Produtividade de Feijão-Va- gem (Phaseolus Vulgaris)	8
Por Uma Ética Ecológica	10
Discurso do Dr. Rufino D'Almeida Guerra Filho	13
Mosaico Cooperativista	16
Cartas	19
Agropecuária Fluminense	20
Programa da Agropecuária	23
Estímulos às Cooperativas de Fornecedores de Cana.	23
O Que Foi o I Salão Nacional de Agropecuária	24
Homenagem ao Diretor da SNA	29
Livros e Publicações	30
Esteio	31
Notícias & Informações do Brasil	34
Notícias & Informações Internacionais	44

QUAIS DEVEM SER AS PESQUISAS AGRÍCOLAS?

C.P.Mc. Meekan — Banco Mundial

Das impressões que tenho guardado ao longo de uma vida na qual o romantismo dos trabalhos de pesquisa em um País em desenvolvimento se combinou com as áspers realidades das inversões bancárias, há uma que sobressai: a de que além de serem muito poucas as pesquisas que se levam a efeito de forma organizada na agricultura dos países subdesenvolvidos, raras vezes elas consubstanciam uma efetiva coordenação da economia e da tecnologia.

A maior parte das pesquisas agrícolas que se realizam nos países necessitados se baseiam nos conceitos e nas práticas aplicadas em países do mundo ocidental que possuem um alto grau de desenvolvimento, e muito poucas vezes essas pesquisas correspondem ao objetivo de satisfazer às necessidades de desenvolvimento dos países. Isto acarreta graves conseqüências. A deficiência de informação local no que diz respeito a métodos, possibilidades e potencial dificulta a programação dos investimentos para o desenvolvimento agrícola desses países e pode até obrigar a um planejamento feito à base de hipóteses, com todos os perigos que semelhante situação comporta. Além disto, entorpece e frustra a participação externa nos estudos de pré-investimento e nos programas de investimentos agrícolas. Este estado de coisas é sobremaneira desagradável devido a que os programas de pesquisas para fins econômicos ou seja, aqueles que levam em consideração as realidades econômicas de um País — poderiam ter oferecido facilmente a informação necessária.

A falta destes estudos não apenas dificulta a atitude do Banco Mundial para participar de maneira efetiva no interesse do desenvolvimento agrícola de seus países membros como também obstaculiza ou pode desorientar os esforços desses países para melhorar suas agriculturas. Por sorte, a tarefa de reorganizar as políticas e os programas de pesquisa agrícola a fim de imprimir-lhes um cunho mais prático de caráter econômico pode resultar menos árdua naqueles países nos quais a pesquisa sistemática se acha ainda em embrião ou em uma fase inicial de sua evolução, do que naquelas em que os interesses criados em grupos arraigados tendem a oferecer uma forte resistência a qualquer inovação ou novo enfoque.

Não se deve culpar por esta situação atual aos governos das nações incipientes. Há muito tempo seus dirigentes já reconheceram que a economia das nações muito desenvolvidas se baseia em grande parte em uma tecnologia superior e que a técnica é fruto da pesquisa. A pesquisa convém! Oferece a chave do progresso! Há que fomentar os trabalhos de pesquisa! Aqueles que assim clamam aspiram a que os países desenvolvidos sirvam de guia nessa nova jornada. Formulam programas à semelhança dos que vêem. Importam assessores. Envia seus jovens ao exterior para que se adestrem. Fazem com que estes retornem e lhes dão apoio em tudo quanto a capacitação recebida lhes ensinou a fazer.

Entretanto, o que se oferece à vista dessas novas nações não é a pesquisa agrícola de ontem, mas a de hoje. Vêem, por exemplo, que nos Estados Unidos há milhares de cientistas dedicados a estudos de sua especialização ajustados a uma etapa que já está ao alcance deste País de tão avançada agricultura. Encontram pesquisadores que exploram os mistérios do metabolismo das plantas e dos animais mediante complicados e custosos sistemas radioisotópicos. Vêem outros estudando com poderosos microscópios eletrônicos a estrutura celular, a fim de achar pistas que ajudem a descobrir o funcionamento da lei de herança; observam grupos numerosos que tratam de elucidar o mistério de como podem os hormônios controlar a reprodução, a secreção láctea, o crescimento e as enfermidades. E quando voltam os olhos para a Europa descobrem que ali estão levando a cabo as mesmas atividades.

Do que não se apercebem, e nem tampouco ninguém lhes informa, é que o que tornou possível tal gênero de pesquisa — a que volta sua atenção para o futuro distante — foi o êxito alcançado em uma esfera de atividade muito menos exótica; a solução dos problemas imediatos que entorpecem o desenvolvimento. Se os países ricos podem permitir o luxo de sair em busca do saber puramente em proveito da ciência, é porque primeiro se submeteram à disciplina requerida para chegar a exercer um controle razoavelmente eficaz sobre o ambiente que os rodeia, valendo-se para isto de métodos simples ba-

seados em um claro conceito do necessário.

O que os países necessitados perdem de vista quando contratam serviços de estrangeiros é que raro é aquele que já teve suficiente contato com as explorações primárias em seu próprio país em um grau que lhe permita adaptar-se ao novo ambiente, cujos problemas físicos, sociais, econômicos e políticos são radicalmente diferentes dos problemas que lhes são conhecidos. Hoje em dia já quase não existe — nem na América nem na Europa — o tipo de cientista e de técnico em agropecuária aos quais se devem os avanços do passado. Já não se os educa dessa forma. Entre os especialistas que vieram substituir aqueles, poucos são os que conhecem a fundo todo o complexo das tarefas do campo. Atualmente o primordial de seus trabalhos não é sua aplicação imediata. Suas atividades são em esferas que com frequência guardam remota relação com a produção agrícola tal como hoje existe. Inevitavelmente estes indivíduos se encontram em desvantagem em um ambiente sem cultivar. Poucos dentre eles compreendem o poder das forças inteiramente distintas que fazem utópico pretender transportar os métodos e procedimentos empregados em seus próprios países para regiões menos desenvolvidas.

E, que é da juventude que se envia aos países desenvolvidos para sua capacitação? É acaso seguro que ela possua uma verdadeira compreensão dos problemas de seus próprios países? Desgraçadamente, com frequência não é assim, ou pelo menos não o é na época em que regressam à sua pátria. Em geral esta juventude retorna com idéias e técnicas demasiado avançadas para o que são as necessidades de seus países. Terá adquirido perícia porque os mestres que teve são peritos. Terá se imbuído de uma filosofia científica moderna que atribui maior mérito em publicar em uma revista técnica algo que aumente sua reputação como perito, do que a dignidade do trabalho que rende algum proveito imediato ainda que não se preste à divulgação pública. Dificilmente se consegue que esses jovens especialistas se encarreguem de tarefas prosaicas como a de experimentar diferentes métodos de cultivo, melhorar a alimentação proporcionada a um porco ou humilde labor rotineiro de

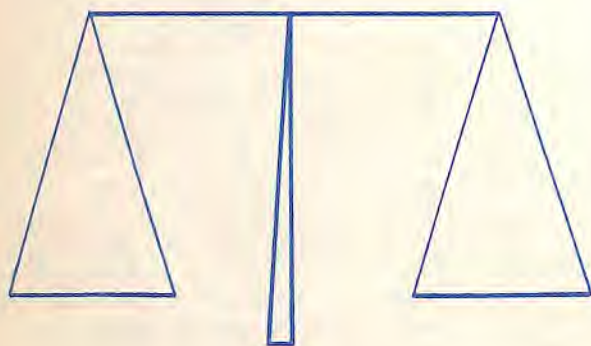
diagnosticar a gestação de uma vaca com o objetivo de melhorar os sistemas para administrar o gado leiteiro.

A responsabilidade primordial do cientista agropecuário é servir à indústria da qual faz parte. Isto sublinha com perfeita nitidez o que se tem de fazer em todo País em desenvolvimento. Na prática, significa mais pesquisa aplicada do que básica, ficando esta última por conta dos países desenvolvidos de maior prosperidade, cuja situação permite realizá-la. Significa que o tecnólogo agropecuário emprega os princípios já sedimentados e as teorias mais promissoras para alcançar técnicas suscetíveis de adaptação a um regime e programa de produção. A aceitação deste conceito não implica em uma falta de interesse ou de cooperação na pesquisa básica, que é de onde surgem novos conhecimentos e se obtêm novas teorias ou se

modificam as já existentes. A pesquisa aplicada, concebida e executada corretamente, amiúde logra todas estas coisas como corolário de seu objetivo principal. Este resultado feliz permite incorporar e conservar dentro do ramo da agricultura aplicada os talentosos e fecundos cérebros de que tanto necessita. Sem dúvida, a atitude do pesquisador platônico que rechaça, como se fora uma afronta, toda idéia de que seus trabalhos devem ter uma justificação econômica, contrasta com a daquele que se dedica a pesquisa agrícola aplicada e se ufana de que o móvel que inspira é o de ser útil.

Estes conceitos influem sobre o trabalho do especialista em economia agrícola. As prioridades que estes fixe em relação a seus trabalhos de pesquisa também devem se destinar a auxiliar aos tecnólogos. Deve prover as análises correspondentes das

forças econômicas capazes de serem modificadas com emprego da técnica. Ao fazê-lo deve calcular o efeito que as diferenças tecnológicas definíveis produzem no rendimento. Em tudo isto deve proceder com claro conceito das prioridades; talvez sua função mais importante seja a de poder indicar com exatidão o grau de relação que corresponde a cada necessidade. O economista agrícola, da mesma forma que o cientista agropecuário, deve, antes de mais nada, procurar ser prático. Para isto precisa, reconhecer que depende da tecnologia, se é que sua atitude há de ser criadora e progressista, e não limitada a expor o que já existe ou a fazer história do passado. Se se deixa de compreender que se necessita de uma colaboração consciente sobre bases comuns, cada grupo corre o risco de trabalhar no vazio. É extremamente lamentável que este risco seja uma realidade em tantos países.



JUDICATURA AGRÁRIA ESPECIALIZADA

A Sociedade Nacional de Agricultura, pioneira no Brasil da idéia de uma justiça especializada para as causas de interesse do homem do campo, considerando que se avolumam, a cada dia, os problemas específicos de "pendências agrárias" sem que uma judicatura especializada se tenha constituído para sua apreciação condigna, designou comissão de estudos, composta de renomados juristas especializados na matéria, com a finalidade de apresentar a Sua Excelência o Ministro Eloi José da Rocha, ilustre presidente do Supremo Tribunal Federal, subsídios — nos quais se definam os interesses da Agricultura Brasileira —, relativamente à reformulação do Poder Judiciário.

A Sociedade Nacional de Agricultura, foi fundada em 16 de janeiro de 1897 com a finalidade de tra-

balhar pela solução dos problemas de interesse dos agricultores, pecuaristas e, em geral, pela defesa e representação das classes produtoras do país, nos âmbitos econômico, social e cultural.

A comissão que é presidida pelo Dr. Octávio Mello Alvarenga, Diretor 2.º Secretário da Sociedade Nacional de Agricultura, é composta de nomes insígnies como o do Professor Ivo Frey, da Assessoria Jurídica da Secretaria de Agricultura e Abastecimento do Estado da Guanabara, Dra. Nilza Peres de Resende, destacada Advogada especializada em Direito Trabalhista, Professor J. Motta Maia, Secretário Geral da Associação Latino Americana de Direito Agrário e Dr. Amaro Cavalcanti, Engenheiro Agrônomo e membro da Comissão Fiscal da Sociedade Nacional de Agricultura.

RAZÕES ECONÔMICAS DA PRODUÇÃO DE LEITE

1. INTRODUÇÃO

A pecuária de leite na Zona da Mata de Minas Gerais é um dos empreendimentos agropecuários considerados pelos técnicos como dos mais realizados (7). Mesmo assim, por que os fazendeiros ainda produzem leite, é uma indagação constante tanto nos meios pecuários como nos econômicos. Ao que parece, esta indagação não ecoa bem, razão por que quase nada ou mesmo nada se tenha procurado responder sobre o problema.

Tanto quanto possível, pretende-se no presente trabalho avivar a cor local de que está impregnado o problema para, nos diversos aspectos estudados se verificar até que ponto, técnica e economicamente, existem razões para se produzir leite na atual conjuntura.

Vários aspectos serão focalizados, relativos aos custos de produção, lucro normal, tecnologia, contabilidade e produto junto, com a finalidade de entender e explicar o problema, tentando-se buscar uma conclusão plausível, porque os fazendeiros ainda produzem leite.

2. CUSTO DE PRODUÇÃO

Na obtenção dos custos de produção de leite podem ocorrer duas alternativas:

- obter-se o custo de acordo com o conceito tradicional dos contabilistas, e,
- de acordo com o conceito atual dos economistas.

Os primeiros só admitem como despesas a serem computadas, aquelas que representam desembolso efetivo, como por exemplo, o custeio de mão-de-obra, rações, medicamentos e outros insumos.

Os segundos, com base no custo de oportunidade e no preço alcançado pelo produto admitem todas estas despesas, mais aquelas que estão implícitas no processo de produção, para as quais não se

desembolsou dinheiro para o seu custeio, como, por exemplo, os juros sobre o capital fixo e variável.

Neste caso se incluem os juros sobre a terra, fator de relevante participação no processo de produção de leite, não só por ser o espaço ocupado pela empresa produtora, como por ser onde se produz o pasto para manutenção dos animais. Assim sendo, terra é um dos itens de capital mais relevante não considerado na computação dos custos de produção levantada pelos contabilistas tradicionais por ser capital já existente e que, para produzir leite, não foi comprada hoje.

É aceitável a concepção do ponto-de-vista contábil quando registra todas as entradas e saídas. Por uma questão de prazo a terra que foi comprada há vários anos, não entra mais na obtenção do custo de produção.

Os economistas argumentam de maneira diferente, porque, na produção, todos os fatores e insumos empregados têm custo. Neste caso, a terra que foi e é usada tem custo, não só em sua preparação para produzir pasto, como custo de posse, e por representar "o rendimento anual que o empresário terá podido obter do seu capital se o tivesse colocado no mercado financeiro na mesma ocasião em que o aplicou na exploração" (1). Assim, os juros sobre terra fazem parte dos custos de produção, por representar a renda oferecida ao seu proprietário (2). Esta renda deve ser incluída não só pela origem da posse do fator como por representar o fluxo do capital investido no empreendimento.

3. LUCRO NORMAL

Em economia os empreendimentos realizados permitem computar seus custos na base do lucro normal.

A teoria do lucro normal consiste em o proprietário dos fatores de produção rece-

ber renda pelo seu uso (4). Assim, terra, benfeitorias, equipamentos, mão-de-obra, insumos e o capital em dinheiro necessários ao movimento diário da empresa, têm custo atribuído sob a forma de juros, preciação e reparos que, em última análise, é o fluxo do capital.

Cabe, portanto, ao capital fixo assim como ao variável, pela sua participação na produção, oferecer ao proprietário uma renda que deve ser agregada às despesas de cada fator e/ou insumo.

Um empreendimento dá lucro normal quando o preço de mercado para o produto é igual ao custo médio de produção, isto é, quando o custo de todos os fatores, insumos e serviços, iguala ao custo marginal. Neste ponto, o fazendeiro está produzindo leite a preço igual ao custo de produção, inclusive os juros, que representam para si, a renda do capital empata-do no empreendimento (figura 1).

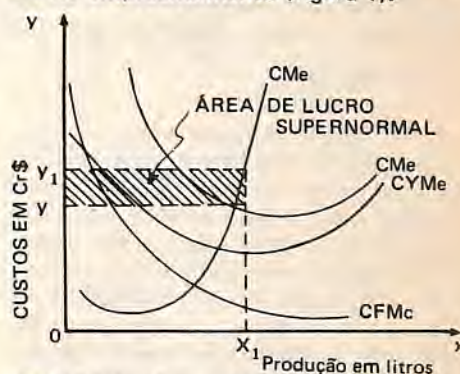


FIGURA 1 — Curvas de Custo Médio, com Área de Lucro Supernormal.

Na conta de resultado dos empreendimentos das empresas, existe o que se chama de "lucro líquido", que em outras palavras significa o que sobrou depois de pagas todas as despesas de produção e a renda do capital empatado. Esta sobra volta às mãos dos seus proprietários sob a forma de retorno ao capital.

Todos, contabilistas, economistas e proprietários acham que este procedimento é certo e, consta de Lei, quando institui os fundos de reservas que têm como finalidade dar segurança e continuidade à empresa nas épocas difíceis com recursos advindos do lucro líquido. Este lucro, na moderna economia, chama-se "lucro supernormal". Na verdade não é como a palavra induz, "supernormal", porque é tão legítimo quanto o "normal". O que ocorre é que o preço de mercado é mais alto do que o custo marginal e o produtor passa a ter um lucro maior do que o "normal". Este fato parece não existir na produção de leite que é vendida a preço baixo ⁽¹⁾, como foi constatado por Vieira (11), que obteve os seguintes resultados:

$$CFMe \text{ (Cr\$ 0,21)} + CVMe \text{ (Cr\$ 0,11)} = CMc \text{ (Cr\$ 0,32)}.$$

⁽¹⁾ O preço recebido pelo produtor nas cooperativas na época da pesquisa era de Cr\$ 21,03.

Na época, o leite era vendido ao preço de Cr\$ 0,23, resultando numa diferença negativa por litro de Cr\$ 0,09. Em outra pesquisa, LEITÃO E SILVA (5), constatou fato idêntico (quadro 1).

Para ser obtido o "lucro supernormal" é necessário, no setor da produção de leite, que se realizem mudanças completas no processo produtivo (tecnologia), por-

que o custo de produção por unidade produzida é alto em relação ao preço de venda às cooperativas.

Para baixar o custo é necessário maiores investimentos e introdução de novas tecnologias que trazem como consequência maior produtividade e menor custo unitário.

QUADRO 1

Quadro dos Custos sob Diversas Taxas de Juros Para o Fator Terra.
Municípios de Pedro Leopoldo, Divinópolis e Curvelo — MG. 1961.

Taxas de Juros	Custo Médio em Cr\$			
	Fixo	Variável	Médio	Médio Líquido ⁽²⁾
Sem Juros	12,19	17,84	30,03	24,02
Com Juros de 4%	19,99	17,84	37,84	31,83
Com Juros de 8%	27,79	17,84	45,64	39,63
Com Juros de 12%	35,59	17,84	53,44	47,43

(2) O custo "médio líquido" foi obtido da fórmula: $CP = CF + (CV - C)$.

4. TECNOLOGIA

A tecnologia da maioria dos produtores de leite é tradicional. Consiste em manter o animal no pasto que não sofreu nenhum tratamento específico para sua formação ou melhora; oferecer um pouco de concentrado para o animal não morrer de fome na época da seca; manter no rebanho todos os animais existentes na fazenda, quer sejam bons ou maus produtores de leite, como tradicionalmente é feito.

Com essa tecnologia não é possível obter lucros e/ou continuar mantendo a produção como se encontra.

Em 1952, a Comissão Nacional da Pecuária Leiteira (CNPL), pesquisando a Bacia Leiteira de Belo Horizonte, encontrou a média de 2,7 litros/vaca/dia (3). Dez anos depois (1962), o Departamento de Economia Rural (DER), realizando nova pesquisa na área, nos municípios de Pedro Leopoldo, Divinópolis e Curvelo, encontrou a média de 512 litros/vaca/ano, que é um fato francamente desolador (5). Na safra de 1961/62, pesquisa realizada na região de Leopoldina, que se admitia na época possuir a melhor tecnologia do Estado, a produtividade por vaca/ano foi de 1.154 litros (10). Em 1967/68, VIEIRA (11) encontrou para a região de Bicas, 966 litros/vaca/ano.

Com resultados desta natureza, é necessário que os órgãos de fomento, produção e assistência, num esforço integrado, provoquem a mudança do nível de tecnologia das empresas produtoras de leite.

Um dos sentidos mais comuns dados à tecnologia é de que consiste num "conjunto de instrumentos, utensílios, meios e objetos materiais, mediante os quais o homem se assenhoreia das forças naturais e as utiliza, bem como modifica as circunstâncias e cria um ambiente mais propício à satisfação de suas necessidades e objetivos (6).

A grosso modo a tecnologia caracteriza-se pela obtenção de maior produção com os mesmos fatores, especialmente do capital que possibilite uma melhor combinação e introdução de novas práticas produtivas, ou seja, "a adoção de um novo método de produção" (8) (figura 2).

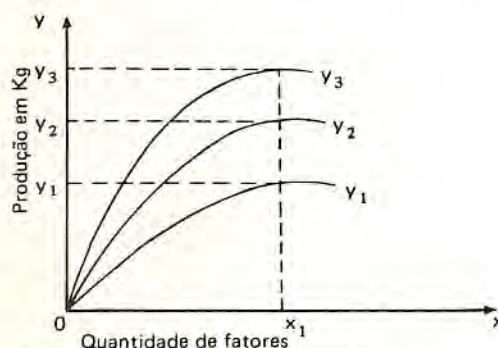


FIGURA 2 — Níveis de tecnologia e suas respectivas produções

Esta tecnologia exemplifica-se facilmente com a produção de milho. Usando-se semente "comum", obtém-se a produção Y_1 . Mudando-se a semente "comum" para a "híbrida", obtém-se a produção Y_2 , simplesmente pela troca da semente que é apenas uma prática diferente da tradicional.

É possível, ainda, com "milho híbrido", na mesma área X, mão-de-obra e outros recursos, com adoção, porém, de novas práticas relativas à espaçamento, adubação, defensivos, capinas e irrigação se necessária, obter-se a função de produção Y_3 .

Fato semelhante pode ocorrer com a produção de leite, desde que se usem capineiras, silos, pastagens, troquem-se os animais de baixa produtividade, modifique-se o manejo, especialmente quanto ao fornecimento de rações, sais minerais e sal comum, façam-se tratamentos preventivos com vacinas e introduzam-se práticas hí-

giênicas que propiciem melhores condições de trabalho, melhor aproveitamento e uso dos fatores. Relativamente ao uso de insumos, diz SILVA (7) que 88,9% dos técnicos da Zona da Mata são de opinião que os fazendeiros conhecem os insumos agropecuários e destes somente 4,4% sabem-no usar adequadamente". "O motivo mais citado para o mau uso, foi: por não saberem usar (53,3%), explicado pelos seguintes itens: por economia (37,8%); por tradicionalismo (24,4%) e por falta de orientação técnica (22,2%)", entre outros.

5. CONTABILIDADE

Para sair do estado em que se encontram os produtores de leite é preciso introduzir novas tecnologias, crédito e assistência técnica devidamente integrados.

Acontece, porém, que tudo isso sem contabilidade para mostrar os pontos fracos e fortes da empresa e como trabalhar com esses fatores dentro do controle econômico, não surtirá o efeito esperado e desejado.

A contabilidade, mesmo a simplificada, ajuda a discernir melhor nas tomadas de decisões, sob o ponto-de-vista econômico, além de possibilitar ao empresário, prestar melhor declaração de seu Imposto de Renda e assim ser justa e explicitamente tributado.

Economicamente, a contabilidade demonstra onde se gasta mais e se gasta menos e onde se encontra a empresa na área de lucro que deve palmilhar (figura 3).

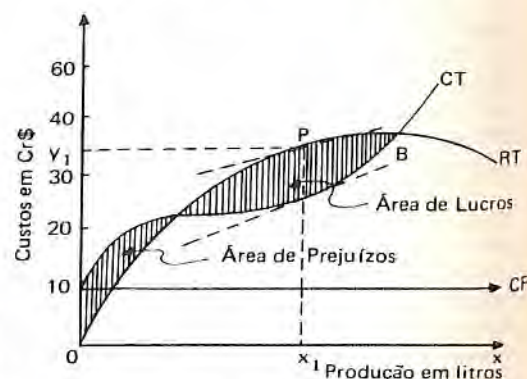


FIGURA 3 — Curvas de Custos e Receita Total.

Na área de lucro o fazendeiro controla suas receitas e despesas para não sair do ponto ótimo que se encontra entre os pontos A e B. Para tanto, ele precisa saber que se encontra no estágio irracional, deve aumentar seus recursos produtivos para aumentar seus lucros até atingir o estágio racional. Neste estágio ele se encontrará na maior diferença entre a receita total e a despesa total, o ponto ótimo (P) de sua produtividade econômica.

É preciso porém, não confundir eficiência econômica com eficiência física. Isto significa que, na eficiência física, pode-se ainda obter maior volume. Acontece, que para se aumentar a eficiência físi-

ca gasta-se mais, e neste caso o aumento da produção observado poderá ser menor que proporcional à parte adicional do recurso empregado, o que quer dizer, está se gastando mais e se obtendo menos. Daí ser necessário, através da contabilidade, controlar os gastos e a produção, para se obter a máxima produção física e lucro, o que significa alcançar o ponto máximo de eficiência econômica.

6. PRODUTO JUNTO

O produtor de leite chega ao fim do ano e verifica que apenas vegetou naquele período de tempo fiscal ou de safra. O que lhe salvou de uma completa "banca-rola" foi a venda de alguns animais produzidos em seu pequeno rebanho.

Para produzir leite é necessário ter o "reprodutor" e a vaca, que é chamada "matriz". Com a procriação vem a produção de leite, função fisiológica natural de que se vale o homem para obter o leite. Daí a necessidade de uma alimentação adequada para estimular esta produção, animal de boa linhagem e manejo que possibilite obter das "matrizes" uma produção de leite prolongada.

A vaca procria o bezerro e este é o que, em economia, se chama "produto junto", isto é, o que surge com a produção de leite (9).

O preço que esses animais alcançam nos mercados é o que alivia o proprietário de maior prejuízo no empreendimento. Se a fertilidade dos rebanhos fosse alta, a situação seria proporcionalmente melhor, donde a maior necessidade do uso dos sais minerais, vitaminas e sal comum para aumentar sua fertilidade e a produção de leite do rebanho.

Grças ao preço recebido pelo produtor pela venda de bezerros para as recrias, de novilhos para as engordas e de animais descartados, é que o produtor se refaz de parte do prejuízo, porque a venda do animal é crédito para a função de custos, por diminuir o valor das despesas variáveis, como foi observado em pesquisa realizada em 3 municípios da Bacia Leiteira de Belo Horizonte, em 1962(5).

A função de custos para o caso especial da produção de leite tem a seguinte forma algébrica:

$$CP = CFT + CVT - C$$

onde:

CP = custo de produção;
CFT = custos fixos totais;
CVT = custos variáveis totais;
C = créditos.

Os créditos se constituem não só da venda dos animais nascidos no rebanho, como também da venda dos resíduos de valor econômico (esterco) e outros produtos (carne e couro resultantes do abate para consumo como, ainda, sacos vazios

de rações e de outros produtos) usados na produção de leite.

Convém não esquecer que o fazendeiro produtor de leite está sujeito a riscos com o seu rebanho, face às epizootias comuns (aftosa, manguera e outras), que podem levá-lo completamente à falência.

7. CONCLUSÕES

A pecuária de leite é o empreendimento tradicional do fazendeiro mineiro e o de maior frequência no setor econômico, sobre o qual se pode tirar as seguintes conclusões:

1. na estimativa dos custos de produção de leite, o empreendimento não oferece lucro. Pesquisas realizadas pelo DER mostraram que o empreendimento dá prejuízos, qualquer que seja a taxa de juros para o fator terra (0% a 12% de juros);

2. o empreendimento, como qualquer outro, deve arcar com todos os encargos, quer explícitos, quer implícitos, por fazerem parte todos da estrutura de custo;

3. os outros setores da economia pagam juros ao capital empatado (renda) e ainda oferecem lucro líquido (retorno ao capital) depois de satisfeitos todos os encargos exigidos por Lei, com relação aos vários fundos que estipula;

4. a tecnologia tradicional ainda usada na produção de leite não mantém o rebanho em condições técnicas e econômicas de produção;

5. vários fatores corroboram para que se observe este desequilíbrio técnico-econômico, como: relação produção animal/área, entre outras;

6. a contabilidade não sendo praticada, não oferece condições ao fazendeiro para identificar que fator está gastando mais ou menos, qual sua rentabilidade, que decisões tomar, como declarar seu Imposto de Renda e, como identificar a proximidade do ponto ótimo de produção;

7. da produção de leite, nasce o bezerro, considerado "produto junto" que representa crédito a ser descontado do somatório das despesas do empreendimento. Do mesmo modo, a venda dos animais excedentes e dos provenientes dos descartes do rebanho, têm salvo, na atual conjuntura, o empreendimento de seu completo prejuízo financeiro, do exercício fiscal ou da safra;

8. as evidências e as tendências da demanda de carne tanto nos mercados internos quanto externos, e os métodos racionais de pastoreio estão indicando que deve haver mudanças de estratégia na produção, isto é, passar de produtor especializado em leite, para produtor misto, leite e carne, por ser este, ao que tudo indica, o caminho conciliador para a posição do leite no mercado que não tem demanda acentuadamente crescente como a carne;

Finalmente, à guisa de sugestão e como subsídio à formação de um programa político para o setor, sugerem-se estudos de mercado de insumos, de normas e

ampliação do crédito, de eficiência na comercialização do produto *in natura*, de melhores condições e eficiência do setor de industrialização do produto *in natura* e, de melhora e ampliação do sistema de assistência técnica integrado entre as instituições privadas e públicas.

Estas sugestões parecem criar condições propulsoras para o desenvolvimento do empreendimento, além de satisfazer as exigências técnicas e econômicas.

8. SUMÁRIO

A produção de leite no Estado de Minas Gerais é um dos empreendimentos mais generalizados e de relevante importância para sua economia.

Vários aspectos foram aqui estudados, como, custo de produção, lucro normal, tecnologia, contabilidade e produto junto, com a finalidade de se entender e explicar o problema da produção de leite, tentando verificar até que ponto existem razões econômicas para sua produção.

9. BIBLIOGRAFIA

1. BARROS, H. & A. GALVÃO. *O Capital da Empresa em Agricultura* — Fundação Calouste Gulbenkian — Lisboa — Portugal — 1964, 97 p.
2. GAMBES, J.S. *Iniciação Simples à Economia* — Editora Fundo de Cultura S.A. Rio de Janeiro — GB — 1959 — 314 p.
3. CARNEIRO, G.G. et alii — *A Bacia Leiteira de Belo Horizonte* — Revista *Arquivos da Escola Superior de Veterinária* — UFMG — Belo Horizonte — 1965.
4. HENDERSON, H. — *A Oferta e a Procura* — Zahar Editores — Rio de Janeiro, GB — 1960 — 144 p.
5. LEITÃO E SILVA, J. *Relações Econômicas do Custo de Produção de Leite em 3 Municípios da Bacia Leiteira de Belo Horizonte* — Viçosa — MG — 1963 — 56 p. — Tese de M.S. (mimeografada).
6. RAMOS, G. — *Administração e Estratégia do Desenvolvimento* — Fundação Getúlio Vargas — Rio de Janeiro — GB — 1966 — 453 p.
7. SILVA, S.C. et alii — *Uso dos Insumos Agropecuários e sua Comercialização na Zona da Mata de Minas Gerais — 1970* — Revista *Experientiae* — Viçosa — MG, 1971 — Vol. 12 — n.º 4, 89 — 133 p.
8. SIMONSEN, M.H. — *Teoria Micro-econômica* — Fundação Getúlio Vargas — Rio de Janeiro, GB — 1968 — Vol. 2 — 241 p.
9. THOMAS, D.W. — *Curso de Economia da Produção* — Escola de Pós-Graduação, Viçosa — MG — 1962 — 214 p. (mimeografada).
10. TOLLINI, H. — *Produtividade Marginal e Uso dos Recursos. Análise da Função de Produção de Leite em Leopoldina*. MG — Ano Agrícola 1961-1962 — Revista *Experientiae* — Viçosa — MG — Vol. 6 — N.º 4 — 1966 — 85 — 144 p.
11. VIEIRA, M. S.X. — *Produção de Leite ao Nível de Fazenda em Municípios da Bacia da Guanabara* — Viçosa — MG — 1969 — 80 p. Tese de M.S. (mimeografada).

INFLUÊNCIA DA INOCULAÇÃO DE RHIZOBIUM PHASEOLI NA PRODUTIVIDADE DE FEIJÃO-DE-VAGEM (PHASEOLUS VULGARIS)

NILTON ROCHA LEAL (1)
CARLOS ALBERTO DE MENDONÇA (2)
JOHANNA DOBEREINER (3)

A cultura do feijão-de-vagem apresenta grande expressão para determinadas regiões produtoras do Estado do Rio, destacando-se entre estas, Papucaia no Município de Cachoeiras de Macacu e Teresópolis.

O uso de inoculante para leguminosa em geral, vem sendo estudado há vários anos, destacadamente na cultura do feijão e da soja. Os resultados com frequência são controvertidos oscilando em função de diversos fatores tais como: características do solo, valor do pH, teores de Alumínio, Manganês, Nitrogênio, Fósforo e Matéria Orgânica. O ciclo curto é provavelmente um dos fatores limitantes do sucesso da simbiose *Rhizobium* — feijão comum; entretanto, essa limitação poderá não ocorrer em relação ao feijão-de-vagem, em função do seu ciclo geralmente mais longo.

Com a finalidade de se reunir mais subsídios para a avaliação da influência do inoculante na cultura do feijão-de-vagem comparativamente com adubação mineral nitrogenada, foi realizado o presente trabalho em Papucaia, Cachoeiras de Ma-

QUADRO 1				
Análise química do solo utilizado no ensaio*				
Fósforo ppm	Potássio ppm	Cálcio + Magnésio	Alumínio mE/100cc	pH
50	144	6,1	0,2	5,5

* Análise feita pela Seção de Solos do IPEACS-EMBRAPA.

cacu, RJ., na propriedade do agricultor Germano Shinoda, em solo cuja análise química encontra-se no quadro 1.

O ensaio foi delineado em quadrado latino com 5 frequências por tratamento.

A cultivar utilizada foi a Campineiro e o espaçamento, aquele normalmente empregado pelo agricultor, de 1,60 m x 0,70m, com uma planta por cova. Foram utilizadas parcelas de 11,20m² com 10 plantas na área útil, sendo a área total do ensaio de 269,50m².

Os tratamentos empregados foram os seguintes:

- A — Testemunha
- B — PK (90 + 21 = 111g)/m linear

- C — NPK (30 + 90 + 21 = 141g)/m linear + Salitre
- D — IPK (90 + 21 = 111g)/m linear + Salitre
- E — IPK (90 + 21 = 111g)/m linear
- I = Inoculante

Como fontes de Nitrogênio (N), Fósforo (P) e Potássio (K), foram utilizados, respectivamente, Salitre do Chile, Superfosfato Simples e Cloreto de Potássio.

Os tratamentos C e D receberam em cobertura duas aplicações de Salitre do Chile na base de 7,5g/m linear em cada aplicação.

O inoculante foi usado na proporção de 100g/30 kg de semente.

(1, 3) — Eng.º Agr.º — EMBRAPA — IPEACS
(2) — Eng.º Agr.º — G.E.P.U. — DEMA — RJ.

QUADRO 2

Resultados obtidos no ensaio.

TRATAMENTO	PRODUÇÃO/ha		PRODUÇÃO/ PLANTA (g)	PESO MÉDIO DO FRUTO (g)
	Kg	N.º de frutos (em 1000)		
Testemunha	7.974,0	518,4	853,1	14,4
PK	8.870,5	625,0	1.012,5	14,2
NPK + Salitre	9.171,9	652,5	1.046,9	14,1
IPK + Salitre	9.422,5	612,9	1.075,5	15,4
IPK	9.394,4	627,9	1.072,3	15,0

As produções dos tratamentos C, D e E não apresentaram diferenças significativas entre si, diferindo entretanto dos tratamentos A e B. Considerando-se o aspecto econômico da produção de Vagem verifica-se que o uso de inoculante substituiu-

do a adubação nitrogenada, insumo de elevado custo, foi altamente vantajoso para o tipo de solo utilizado no ensaio.

Quanto ao peso médio do fruto não se verificou diferenças acentuadas.

O estudo detalhado da nodulação na

época adequada do desenvolvimento da cultura não foi realizado, entretanto, na fase final da cultura os nódulos do tratamento D eram menores e em menor número, quando comparados com aqueles do tratamento E.

As plantas das parcelas tratadas com inoculantes, apresentaram melhor estado vegetativo, permanecendo verdes por mais tempo.

As produções de frutos não foram mais expressivas principalmente em função do maior espaçamento normalmente utilizado pelos agricultores da região e empregado neste trabalho, e de um intenso ataque de ferrugem na fase final do ciclo, o que prejudicou sensivelmente as últimas colheitas.

Os resultados obtidos neste trabalho, entretanto, mostraram que a inoculação das sementes, apresentou igual produção à adubação com 468 kg/ha de Salitre do Chile, sem afetar a qualidade do produto sendo portanto recomendável para a cultura.



O Estado da Bahia foi imortalizado por esta cultura — coqueiros.

Ganhe muito, plantando na sua propriedade o coqueiro anão-VERDE VERDADEIRO.



Grande produtividade e muito sabor. Mudanças e informações com o Dr. A. de Souza Pires, na Rua Aurélio de Figueiredo, 114 Campo Grande-Guanabara 20.000—Fone: 394-0896.



Trecho do Salto do Marimbondo

José A. Lutzenberger ()*

POR UMA ÉTICA ECOLÓGICA

() José A. Lutzenberger é presidente da Associação Gaúcha de Proteção ao Ambiente Natural (AGAPAN)*

Nestes últimos anos a espécie humana tem andado muito empolgada com a assim chamada "conquista do espaço". Muita gente chega a pensar, inclusive, que o espaço vai resolver nossos problemas terrestres, o problema da explosão demográfica, por exemplo.

Ainda há os que crêem que estamos prestes a descobrir novos espaços vitais em outros planetas, novos espaços vitais que então poderemos tratar com o mesmo desrespeito, descuido e total irresponsabilidade com que temos estado tratando este nosso belo planeta azul.

Basta, porém, tomar em conta as verdadeiras dimensões do universo para saber que não é assim. Não temos esta chance. A solução de nossos problemas temos que encontrá-la aqui. São os próprios peritos da conquista espacial que nos estão dizendo isso. Werner von Braun, quando chefe da NASA, numa entrevista que concedeu à revista alemã "Der Spiegel", n.º 7 do ano 1971, ao ser perguntado se a recente viagem à Lua tinha contribuído a despertar uma certa consciência cósmica, respondeu:

"Estou firmemente convencido de que foi criada uma consciência cósmica. Pelo menos na América se deu o caso que as fotos que os astronautas trouxeram da Lua causaram uma tremenda impressão nos ecólogos daqui. Por que? Elas mostram pela primeira vez um quadro de nossa minúscula terra, com suas limitadas fontes de matérias-primas, sua tênue capa atmosférica e sua vulnerabilidade a abusos. O homem pode ver aí a nave espacial terra com sua tripulação de três e meio bilhões de astronautas e um sistema de suporte de vida muito fácil de envenenar. Tudo aquilo que os ecólogos vinham pregando há anos ficou subitamente bem aparente".

Efetivamente, somos todos astronautas. Habitamos uma pequena nave espacial, perdida na imensidão do espaço vazio, hostil à vida. Se uma jóia tem valor pela sua raridade, então este nosso planeta tem para nós um valor incomensurável. Porque, como ele, sabemos que em nosso sistema solar não há outro. Se houver parecido no Universo, só a distâncias siderais, totalmente fora de nosso alcance.

Foi necessário que vissemos de bem longe a nossa terra para que nos dêssemos conta de sua fragilidade e vulnerabilidade.

Quer dizer que deveríamos ter com nosso astro o mesmo cuidado, o mesmo carinho que tem o astronauta com sua limitada cápsula. Nossos recursos não são ilimitados. Não temos o direito à pilhagem e à rapina, à destruição irreversível. Em nossas considerações econômicas, tecnológicas e políticas deveríamos tratar de como chegar a sistemas de equilíbrio dinâmico, não de crescimento ilimitado de consumo e de esbanjamento sempre maior de nossos recursos. Só deveríamos gastar aquilo que pode ser repost. Uma serraria que tem a sua disposição uma área limitada de bosque não pode crescer eternamente, só poderá cortar cada ano uma quantidade de madeira correspondente ao crescimento anual naquela área, senão ela se acaba por falta de bosque.

Temos que aprender a viver dos juros de nosso capital, não podemos comer o capital. Se roermos a substância, acabaremos com nosso próprio futuro e tornaremos impossível a vida de nossos descendentes.

No entanto, basta abrir os olhos para ver que não estamos agindo como seria lógico para uma espécie que gosta de chamar-se a si mesma de "homo sapiens". Nosso atual modo de proceder está demonstrando tudo, menos sabedoria. Estamos agindo hoje como se fôssemos a última geração, como se com nossa morte individual acabasse tudo. Mais vinte anos como os últimos vinte e já não sobrarão muita coisa.

A destruição do ambiente natural pelo homem de hoje, já não se limita como antes, a certas áreas localizadas e limitadas; é global, total. Está em toda a parte, tem uma infinidade de aspectos. Cresce de maneira vertiginosa, em forma de curva exponencial, mas com taxa de crescimento também exponenciada. Se no ano passado o estrago foi de talvez 10% mais do que no ano anterior, pois este ano será de pelo menos quinze ou vinte por cento mais do que no ano passado. Está perfeitamente claro que esta situação não pode continuar indefinidamente. Nem no livro de matemática a curva exponencial pode ser levada até o infinito.

A vida na terra, a incrível, a grandiosa sinfonia da evolução orgânica, este processo lento, paciente e implacável que nos deu origem, já dura uns três bilhões de anos. Três bilhões de anos. Assim mesmo, durante todo este espaço de tempo inimaginavelmente longo, nunca houve um cataclisma biológico como o que estamos vivendo. Até mesmo a desapareição dos grandes saúrios no fim do Cretáceo, há uns sessenta milhões de anos, deve ter sido um processo mais ou menos lento e orgânico pois deu possibilidade aos sucessores dos répteis, aos mamíferos, de conquistarem os mesmos nichos. O mundo saiu daquela crise enriquecido. Mas o que estamos vendo hoje é a devastação total, inclusive dos nichos ecológicos e de "habitats" inteiros.

Neste momento estão caindo as últimas selvas do globo, estão sendo adulterados os últimos rincões de natureza ainda mais ou menos intacta. Nem o fundo do mar escapa. O pior dos terremotos não sabe causar os estragos que pode fazer a terraplanagem, o desbravamento sem plano, a poluição. Estamos extinguindo comunidades ecológicas completas, comunidades onde cada espécie é única. Estragos, portanto, irreparáveis. Cada vez que apagamos uma espécie são milhões de anos de evolução irremediavelmente perdidos. Com cada espécie perdida para sempre o mundo acaba mais pobre, e nós, humanos, mais sós.

A causa deste nosso desprezo pelo ambiente natural, temos que procurá-la em vários fatores:

Principalmente em nossa ignorância quanto à complexidade e vulnerabilidade dos sistemas naturais. Nossa vida urbanizada, dominada por uma tecnologia artificial, nos está alienando quase por completo do mundo natural. Nós imaginamos que podemos viver totalmente isolados da natureza, que sobreviveremos num mundo só de humanos e máquinas, com meia dúzia, talvez, de animais e plantas domésticas.

Temos uma fé inabalável no que costumamos chamar de "progresso". Uma fé em que progresso significa crescimento eterno. Esperamos que tudo se torne sempre maior, mais abundante, mais rápido, mais eficiente, mais diferente. Queremos sempre o máximo, e assim perdemos de vista o ótimo. Quantidade vale mais que qualidade. O homem tecnológico está tão convencido de sua força, que já não vê suas fraquezas.

Daí também nossa total falta de amor e consideração pelos demais seres vivos, nossos companheiros de viagem nesta nave. A ética ocidental, a que hoje domina o mundo, independente de ideologias políticas e religiosas é exclusivamente antropocêntrica, não reserva nenhum lugar para as demais criaturas. A sociedade industrial encara seu ambiente natural, encara todos os seres não humanos como simples instrumentos dispensáveis dos quais o homem se serve a seu bel-prazer, exterminando-os, inclusive, quando lhe parece conveniente. Estes outros seres não estão incluídos em nossa moral. Por isso desrespeitamos e agredimos nosso ambiente natural de maneira tão inescrupulosa e violenta, a ponto de estarmos hoje pondo em perigo a própria continuação da vida neste astro. Albert Schweitzer, com sua imensa reverência pela vida, caracterizou muito bem esta atitude quando disse:

"Assim como a dona de casa, que acaba de limpar o quarto, toma o cuidado em fechar a porta, para que o cachorro não venha com o rastro de suas patas estragar a bela obra, assim os pensadores europeus tomam todas as precauções possíveis para que não venha a passear algum animal dentro de sua ética."

Se os demais seres não têm lugar em nossa ética, então não tem importância que acabemos com eles todos. Nós somos os donos da criação.

Também gostamos de imaginar que as obras do homem têm valor, as da natureza não valem nada. Quem danifica uma velha ruína ou uma obra de arte comete um sacrilégio. Mas quando, para um lucro momentâneo, ou porque simplesmente não gostamos da coisa por não saber apreciá-la, depredamos uma jóia natural, que a natureza levou talvez milhões de anos para criar, será que isso não é um crime muito maior?

Nunca ocorreria a um engenheiro que concebeu uma máquina complicada entregá-la simplesmente ao primeiro que estivesse disposto a divertir-se com ela. Pois é claro que acabaria destruindo o complexo mecanismo com ferramentas inadequadas e manejos grosseiros. Ninguém jamais entregaria um computador última geração a um engraxate que nunca ouviu falar em computadores. A máquina seria valiosa demais para tanto.

Mas é exatamente isso que estamos fazendo com nosso ambiente natural.

As decisões sobre se tal ou qual floresta deverá desaparecer, se este ou aquele banhado será drenado ou aterrado, se naquele rio vamos construir uma grande barragem, se vamos largar dezenas de milhares de toneladas diárias de lixo químico no mar, esgoto e mercúrio em nossos rios e lagos, empregar tal ou qual inseticida sobre uma vasta região, e uma infinidade de outras agressões ao nosso ambiente, estas decisões sumamente sérias, decisões que deveriam basear-se em profundo conhecimento dos fatores ecológicos, decisões, portanto muito importantes para o nosso próprio bem e para a continuação da vida neste astro, estas decisões, nor-

malmente, as deixamos em mãos de quem nunca ouviu falar de ecologia, de quem não tem noção da complexidade dos problemas ambientais.

Nossa engenharia costuma procurar adaptar o ambiente à tecnologia, ao invés de acomodar a tecnologia ao ambiente. Com o "bulldozer" insultamos a paisagem para que ela se ajuste à nossa arquitetura, ao invés de enquadrar harmonicamente nossa arquitetura dentro da paisagem.

Responsável desta atitude é também nossa capacidade de abstração, a atitude do especialista que isola seu problema e se concentra completamente em um só aspecto de uma questão. Esta atitude tem sido a base de progresso da ciência e da técnica, mas ela produz efeitos catastróficos quando aplicada ao ambiente. A biosfera é um complexo sistema de equilíbrio dentro de equilíbrios, que por sua vez fazem parte de equilíbrios ainda maiores. Para compreender nosso ambiente temos que encarar o todo, temos que ver a dinâmica dos sistemas naturais, temos que aprender a ver o homem como parte deste grande complexo.

Enquanto cada um só enxergar seu problema imediato, então, para obter nossos fins limitados, acabamos por causar danos ilimitados.



O especialista que introduziu o chumbo na gasolina entendia muito de motores à explosão, mas sua responsabilidade terminava no cano de escape. O técnico em saúde pública que de avião aplica um poderoso inseticida sobre todo um banhado, só está vendo aquele mosquito que ele quer liquidar, mas é totalmente cego quanto às milhares de outras espécies, muitas das quais diretamente úteis ao homem. Se a polícia agisse dessa maneira, então, para liquidar meia dúzia de bandidos, teria que tratar toda uma cidade com gases venenosos. O método seria bastante eficiente contra os bandidos.

Uma vez, como técnico em produtos fito-sanitários, visitei um agricultor, grande produtor de maçãs. Entre os mais de trinta tratamentos químicos aos que submetia seus pomares em cada temporada — não consigo compreender como é que o solo dele ainda não estava totalmente estéril — usava inseticida, acaricidas, fungicidas, herbicidas, hormônios, nematicidas, desinfetantes e fumigantes, rodenticidas e repelentes, toda a gama, enfim. Entre todos estes venenos estava também usando um produto extremamente perigoso, proibido já na maioria dos países. Atrévime-me a sugerir que o substituísse por outro menos perigoso, se bem que algo mais caro. Olhou-me muito surpreso: "Mas o que é que o senhor quer? Eu nunca como uma de minhas maçãs".

Outro aspecto muito importante na atual crise ecológica é o aspecto quantitativo. Algumas décadas atrás praticamente não se falava em poluição. Muito pouco se dizia sobre degradação ambiental. Mas as fábricas, então, eram tão poluidoras, ou mais, que hoje. A destruição do ambiente pelo homem, qualitativamente, não era menor. O que mudou de lá para cá são as ordens de magnitude. Não somente somos muito mais numerosos hoje, somos também muito mais violentos, cada um, quanto a impacto ambiental.

Antigamente os poucos colonos entravam no bosque com machado. Em 100 anos avançavam 100 km. Hoje o caboclo e o sertanejo espalham a agricultura de rapina e o fogo pelo último sertão. Milhares de tratores derrubam em poucos meses áreas de florestas que antes não se conseguia arrasar em décadas. As novas fábricas de polpa, apesar de custosíssimas instalações de recuperação de efluente, são tão grandes que a reduzida percentagem de poluição representa muito mais que a soma da poluição das antigas fabriquetas.

O impacto do homem moderno sobre seu ambiente se torna cada dia mais brutal, mais irreversível, já está ultrapassando a capacidade de recuperação da natureza.

Se quisermos sair da atual crise ecológica que a humanidade trouxe sobre si mesma, e se não sairmos não teremos futuro, vamos necessitar de uma moral mais ampla, e mais completa, de uma ética ecológica. Temos que aprender a ver o todo. Temos que nos livrar deste velho preconceito ocidental, da idéia de que o homem é o centro do Universo, de que toda a criação está aqui para nos servir, de que temos direito de usá-la e abusá-la sem sentido algum de responsabilidade. Temos que nos libertar da idéia de que os outros seres só têm sentido em função de sua utilidade imediata para o homem. Como queria Schweitzer, nossa ética terá que incluir toda a criação.

Precisamos de uma nova revolução Copernicana que ponha o homem em seu justo lugar, que o faça descer de seu falso pedestal.

Se a natureza nos deu uma inteligência que nos possibilita este tremendo poder que agora temos sobre tudo o que vive, e sobre a totalidade de nosso ambiente, esse poder, o poder de tomar em nossas mãos a continuação da evolução ou de acabar com ela, esse poder, então, significa também uma tremenda responsabilidade.

Não estamos fora, por cima e contra a natureza, estamos bem dentro. Somos um pedaço dela.

E, para terminar, quero trazer mais uma citação. Trata-se de palavras de Gene Setzer, presidente da National Audubon Society, uma antiga sociedade conservacionista americana.

Uma sociedade que já conta com milhões de membros e que tem a seu crédito grandes sucessos conservacionistas. Dizia Setzer:

"Nós fomos criados em 1905 com o fim específico de salvar uma espécie ameaçada, a garça, que estava sendo exterminada pelos caçadores de plumas. Ainda é nossa intenção salvar uma espécie ameaçada, só que hoje esta espécie ameaçada é o próprio homem".

palavras proferidas pelo dr. rufino d'almeida guerra filho ao se empossar na presidência da

ASA



Aspecto da mesa que presidiu a solenidade de posse dos novos dirigentes da ASA, vendo-se ao centro o dr. Altamir Gonçalves de Azevedo, diretor da DEMA-GB, ladeado pelo dr. Kurt Repsold, vice-presidente da SNA, e Otto Lyra Schrader, da EMBRAPA. Nas extremidades (E) os drs. João Vicente da Costa, da OCEG, e Octavio Mello Alvarenga, vice-presidente da ALADA. À direita o dr. José Resende Peres, presidente da ABIR, e Enio Cursino dos Santos do BNCC.

*Ilustríssimo Senhor
Doutor Altamir Gonçalves de Azevedo
Digníssimo Diretor Estadual do Minis-
tério da Agricultura.
Demais autoridades.
Caros consócios.
Minhas Senhoras, meus Senhores.*

Há dez anos, neste mesmo local, no dia 14 de julho de 1964, assumíamos em circunstâncias assemelhadas às de agora, a direção do Serviço que por mais de trinta anos se constituiu, indiscutivelmente, num dos órgãos mais atuantes do nosso Ministério, o Serviço de Informação Agrícola, o SIA, de saudosa memória.

As circunstâncias — como ressaltamos anteriormente — se assemelhavam com as que nos deparamos neste momento, quando nos investimos na presidência da ASA.

O SIA de então era um organismo combatido, desvirtuado de suas finalidades, com compromissos financeiros e procedimentos administrativos temerários, carentes de pronta ação, como acontece agora com a ASA que nós — eu e os demais companheiros eleitos no pleito do dia 13 deste mês — estamos recebendo.

Aqui também Dr. Altamir, neste mesmo auditório, reconstruído e remodelado durante nossa Administração no SIA, graças ao apoio que V.Sa. como Conselheiro do Fundo Federal Agropecuário — igualmente de saudosa lembrança — emprestou à nossa Administração, juntamente com os outros dois seus ilustres pares aqui presentes, os engenheiros agrônomos Kurt Repsold e Otto Lyra Schrader, a quem rendemos mais uma vez nossas homenagens, iniciamos a retomada do antigo prestígio do órgão, o seu revigoramento, o seu, por assim dizer, renascimento, inspirados nos exemplos de Itagiba Barçante, Mário Vilhena e José Anastácio Vieira, performance ou “milagre” — se quiserem — que, com a graça de Deus e a união de esforços de que estamos todos imbuídos — conscientes de sua necessidade, de sua imprescindibilidade — esperamos possa se repetir com relação à nossa “enferma” Associação.

Aqui, Dr. Altamir, nos conhecemos; aqui nos identificamos; aqui cimentamos uma amizade que há de continuar inabalável — talvez mais forte ainda — a partir deste nosso reencontro de agora, em condições muito parecidas com às que nos aproximaram há 10 anos atrás, naquele 14 de julho em que junto tomamos posse em cargos de direção neste Ministério, onde V. Sa. há cerca de 40 anos vem dando o exemplo admirável de grandeza humana e eficiência profissional, que nós mais novos procuramos seguir.

Tudo faremos — eu e os meus colegas de Diretoria, do Conselho Fiscal, do Conselho Deliberativo e do Conselho do Mérito — para corresponder à confiança daqueles que nos elegeram e à expectativa dos dirigentes do nosso Ministério, com os quais uniremos esforços no sentido do bem-comum.

Reorganizar a ASA, seja no que tange aos seus objetivos principais — congraçamento, atendimento e benefícios aos sócios — seja no que se refere aos seus serviços internos, como bem o disse o nosso companheiro Ricardo Greenhalgh Barreto Filho ao apresentar ao quadro social a chapa “UNIÃO DE ESFORÇOS”, é o único item do nosso programa, uma vez que, enquanto a situação administrativa e financeira da ASA não for saneada, torna-se inviável fazer qualquer promessa.

O que nós esperamos é uma atitude realística do quadro social, reconhecendo que a nossa Associação está “doente” e de que necessita de um sério tratamento e que tal tratamento implicará em algumas restrições, pelos menos por certo período.

Apelamos, pois, para a compreensão, a colaboração e o espírito associativo de todos a fim de que a nossa Associação possa sobreviver.



O dr. Rufino D'Almeida Guerra Filho ao ser cumprimentado pelo Diretor Estadual do Ministério da Agricultura na GB, dr. Altamir Gonçalves de Azevedo

**A nova administração
da ASA
para o biênio 1974/76**

DIRETORIA

Presidente — RUFINO DE ALMEIDA GUERRA FILHO
Vice-Presidente — KLEBER MAGALHÃES DO VABO
Secretário Geral — LUIZ SERGIO GONÇALVES DA CUNHA
1º Secretário — IVAN MATTOS
2º Secretário — FRANCISCO FARIA PEREIRA DE SOUZA
1º Tesoureiro — AURÉLIO PIRES CONDEIXA
2º Tesoureiro — SEBASTIÃO DE SOUZA

CONSELHO DELIBERATIVO

RICARDO GREENHALGH BARRETO FILHO — FRANCISCO DA SILVA ROSA — MANOEL PEDRO ALLEMANDO COELHO — WALDEMIRO FARIA — CARLOS INFANTE VIEIRA — TIMOTHEO FRANKLIN — TRANIMAR SOARES MONTEIRO — GLAUCO SOARES DE SOUZA — GUMERCINDO NEVES DE CASTRO — AMILTON RAPOSO MOREIRA DE CARVALHO

SUPLENTE

LÉLIA G. MENDES E AMARAL — JOÃO JORGE ELIAS ZOGAHIB — MAURÍCIO DE TOLEDO — ISABEL RODRIGUES DE MOURA — OSWALDO FERREIRA JAMBEIRO

CONSELHO FISCAL

LUIZ BASTO LIMA — ISAAC DAIN — SEBASTIÃO THIAGO — SEBASTIÃO ALVARENGA DE MOURA — JOÃO DA ROCHA FILHO

SUPLENTE

MARIA MARGARIDA PEDROSO E SILVA — ALCIONE JOSÉ COSTA — WANDA DE ARAÚJO DE SOUZA — ONOFRINA VASSALLO DE OLIVEIRA — VITAL RIBEIRO GOMES

CONSELHO DO MÉRITO

MOACYR CLEANTHO D'ALBUQUERQUE — WANDERBILT DUARTE DE BARROS — JOAQUIM BERTINO DE MORAES CARVALHO — ALDYR GOMES — JOÃO CARLOS GUIMARÃES BARRETO — JONIR GUSMÃO DE BARROS — ORLANDO DE ALMEIDA E ALBUQUERQUE — GERALDO GOU-LART DA SILVEIRA

SUPLENTE

JOSÉ DIOCLECIANO PEIXOTO — ADALBERTO DA SILVA CARNEIRO — MILTON BOLIVAR DE ARAUJO — NEWTON MOREIRA DE CARVALHO — ANTONIO DOS SANTOS OLIVEIRA JÚNIOR



MOSAICO COOPERATIVISTA

BIAS PIMENTEL

preconiza criação de um sistema nacional de compras em comum

"A integração dos subsistemas de produção e consumo é não só importante para assistir e estimular os produtores, como imprescindível para proteger o mercado consumidor da ação especulativa" — segundo documento entregue ao Ministro da Agricultura pelo Conselho Nacional de Cooperativismo, com vistas ao desenvolvimento do setor.

Na proposta, seu relator — Bias Pimentel Filho — diz que a melhor alternativa para esta integração está na criação de um sistema nacional de compras em comum, através de uma Central Nacional, possivelmente com sede em São Paulo.

OITO CENTRAIS

Bias Pimentel admite que a integração entre subsistemas será uma nova fase de avanço do cooperativismo brasileiro:

— Por essa via, não é a integração vertical ou horizontal que está em jogo, embora a compreenda, mas a composição de subsistemas dissociados na sua dinâmica e objetivos. Acrescenta que "há hoje uma pulverização de subsistemas cooperativistas, cada qual entregue às suas próprias funções".

Isto responde pelo enfraquecimento do cooperativismo como um todo, sobretudo se se levar em conta o desperdício de contribuições isoladas quando poderiam se conjugar, segundo o Sr. Bias.

No documento em que propõe a criação, inicialmente, de oito centrais regionais para compra em escala nas fontes produtoras — a fim de fornecerem produtos essenciais às cooperativas de consumo — o especialista revela que o cooperativismo de consumo não tem o suporte do cooperativismo de produção agrícola (onde existe) e este não se liga diretamente ao de produtividade (eletrificação rural).

COMPRAS EM COMUM

O sistema nacional de compras em comum para fornecimento de 12 itens essenciais às cooperativas de consumo e às seções de consumo das cooperativas de produção depende, segundo o documento, da criação de uma central Nacional, em São Paulo e, inicialmente, de pelo menos oito centrais em várias regiões do país.

As centrais efetuariam compras em escala — preferencialmente a cooperativas de produção agrícola ou, inexistindo estas, diretamente às fontes produtoras.

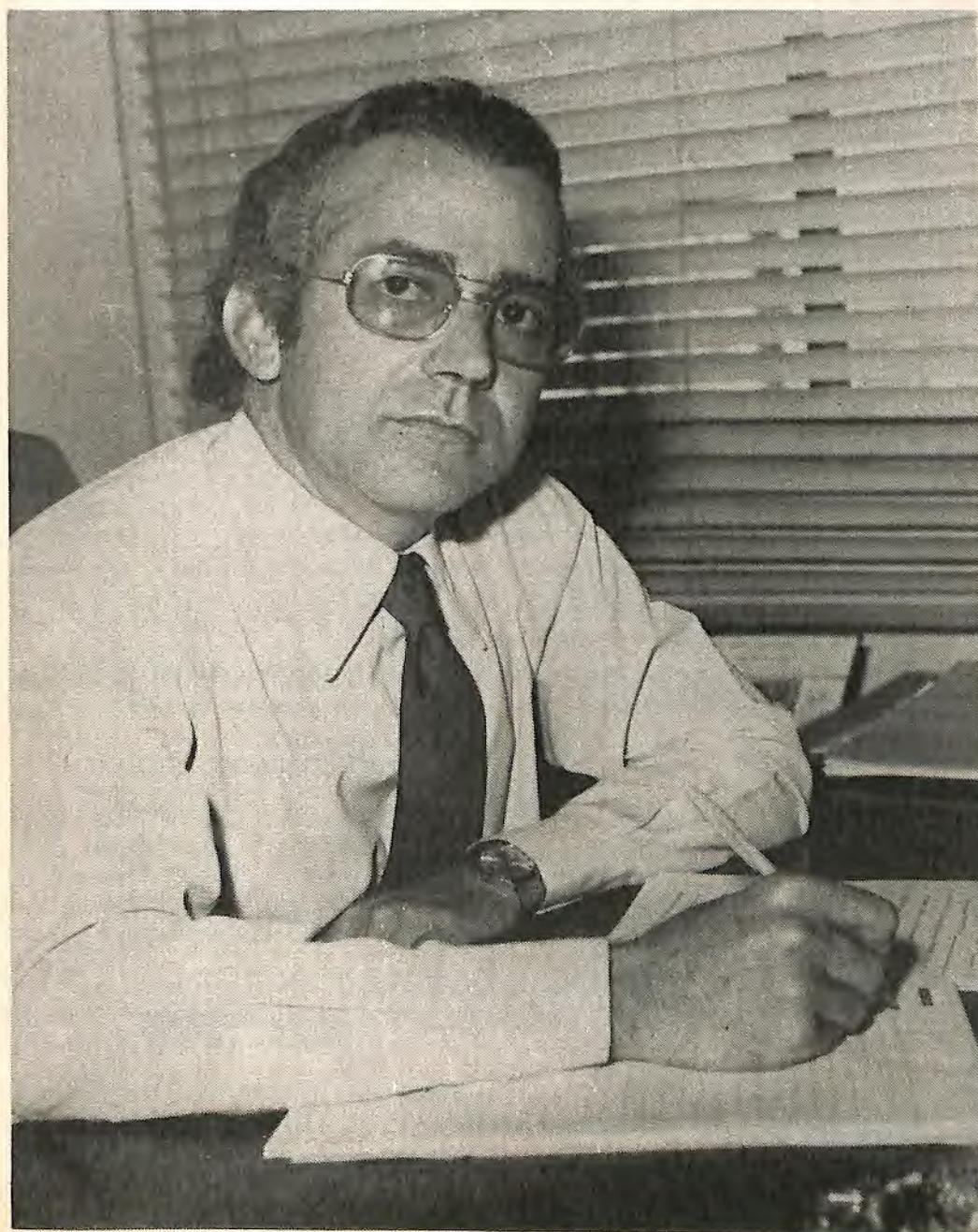
Explica Bias que a Central Nacional forneceria às regionais, mas estas, quando localizadas em áreas nas quais pudessem realizar compras diretas de determinados produtos, os adquiririam para fornecer à Nacional sem prejuízo de suas atividades junto às filiadas e às demais cooperativas com seções de consumo, em sua jurisdição.

As centrais regionais só operariam entre si mediante coordenação da Central Nacional; seriam instaladas também onde houvesse cooperativas em condições de adaptar-se ou de abrigá-las ou nos organismos do sistema nacional de abastecimento — com que também operariam — evitando-se, assim gastos de monta na sua instalação.

CUSTO DE VIDA

Ao prever os resultados da integração entre os subsistemas de produção e consumo, Bias Pimentel Filho ressaltou que "o cooperativismo de produção e de consumo, assim redimensionado, passaria a influir decisivamente na baixa do custo de vida e na regularidade do abastecimento interno".

o novo presidente do BNCC



Indicado pelo Ministro Alysson Paulinelli, da Agricultura, assumiu a presidência do Banco Nacional de Crédito Cooperativo (BNCC), o Dr. Marcos Raymundo Pessoa Duarte, cooperativista e ex-dirigente de cooperativa, com larga folha de serviços prestados ao setor público-empresarial do seu Estado — Minas Gerais.

O novo presidente do BNCC iniciou suas atividades na Caixa Econômica de Minas Gerais, onde ascendeu funcionalmente de extranumerário aos elevados cargos de Diretor da Carteira Agrícola e Industrial e Diretor Financeiro, merecendo da Câmara Municipal de Belo Horizonte o reconhecimento público por sua atuação destacada à frente dos dois importantes setores da entidade.

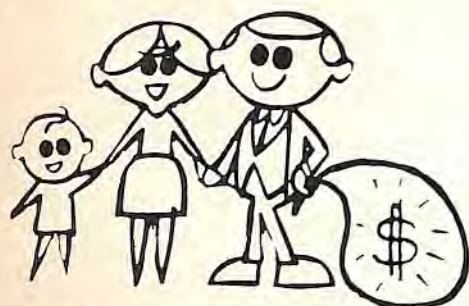
Marcos Raymundo Pessoa Duarte representou, ainda, o Governo de Minas na EMEX — Empresa Mineira de Exportação, sendo eleito posteriormente Diretor Financeiro da mesma. É membro permanente da Comissão de Comércio Exterior da Associação Comercial de MG e presidente do Conselho Regional do Montepio Cooperativista do Brasil em Minas Gerais.

Além de contador, Marcos Raymundo Pessoa Duarte é formado em Direito, possuindo curso de extensão em Administração de Empresas. Estagiou nos Estados Unidos sobre "Savings Bank" e participou ativamente em vários seminários, conferências e congressos nacionais e internacionais, ligados aos setores de sua atuação profissional.

*O Dr. Marcos Raymundo Pessoa Duarte,
novo presidente do BNCC.*

tranquilidade para toda vida

(e até depois dela...)



MONTEPIO COOPERATIVISTA DO BRASIL

O MAIS COMPLETO PLANO DE PREVIDÊNCIA SOCIAL DO BRASIL:

- PECÚLIO A PARTIR DO 6º MES
- PENSÃO MENSAL REAJUSTAVEL
- APOSENTADORIA POR INVALIDEZ
- RENDA MENSAL OU FAMILIAR EM VIDA APOS O 10º ANO

Beneficiários de acordo com o Código Civil ou de Livre Indicação

TABELA DEMONSTRATIVA DO -PLANO PREVICOOOPER-

(Elaborada com resultados Médios do Mercado de Capitais - Ano Base 1970)

FAIXA	MENSALIDADE	TAXA DE INSCRIÇÃO	BENEFÍCIOS	10 ANOS	11 ANOS	12 ANOS	13 ANOS	14 ANOS	15 ANOS	16 ANOS	17 ANOS	18 ANOS	19 ANOS	20 ANOS
10	10,00	20,00	R Mensal	82,69	113,02	153,87	208,28	281,54	379,60	511,40	687,87	924,41	1.241,60	1.666,53
			Resgate	4.594,13	6.281,72	8.537,08	11.571,40	15.641,38	21.089,28	28.410,93	38.214,85	51.355,64	68.977,67	92.585,38
20	20,00	40,00	R Mensal	185,38	226,04	307,34	418,56	563,08	759,20	1.022,80	1.375,74	1.848,82	2.483,20	3.333,06
			Resgate	9.188,26	12.523,44	17.074,12	23.142,80	31.282,72	42.178,56	56.821,86	76.429,70	102.711,28	137.955,34	185.170,76
50	50,00	100,00	R Mensal	413,45	585,10	768,35	1.041,40	1.407,70	1.898,00	2.557,00	3.439,00	4.622,05	6.208,00	8.332,65
			Resgate	22.970,65	31.308,60	42.685,30	57.857,00	78.208,80	105.446,40	142.054,05	191.074,25	256.778,20	344.888,35	462.926,90
100	100,00	200,00	R Mensal	826,90	1.130,20	1.536,70	2.082,80	2.815,40	3.790,00	5.114,00	6.878,70	9.244,10	12.416,00	16.625,30
			Resgate	45.941,30	62.617,20	85.370,60	115.714,00	156.413,80	210.892,80	284.109,30	382.148,50	513.556,40	689.776,70	925.053,80
200	200,00	400,00	R Mensal	1.653,80	2.260,40	3.073,40	4.165,60	5.630,80	7.592,00	10.228,00	13.757,40	18.488,20	24.832,00	33.330,60
			Resgate	91.882,60	125.234,40	170.741,20	231.428,00	312.827,20	421.785,60	568.218,60	764.297,00	1.027.112,80	1.379.553,40	1.851.707,60

IDADE LIMITE: 54 anos 364 dias — Até junho de 1972: 59 anos 364 dias — para pessoa designada; de 0 a 18 anos.

CARÊNCIA TOTAL: 12 meses.

De 12 a 36 meses (Devolução das mensalidades) — De 36 a 60 meses: (Pecúlio por morte no valor de 100 vezes a Mensalidade) — De 60 até o prazo de espera contratado (Pecúlio de resgate — em caso de Falecimento ou Desligamento).

RESGATE: Vencido o prazo de espera o associado ou beneficiário pode optar pela renda mensal ou pelo Resgate correspondente à faixa de prazo contratado.

PENSÃO / AP. INVALIDEZ

PLANO	MENSALIDADE	TAXA / INSCRIÇÃO	BENEFÍCIO
Doação	10,00	20,00	150,00
-A-	20,00	40,00	300,00
-B-	35,00	70,00	500,00
-C-	50,00	100,00	750,00
-D-	70,00	140,00	1.000,00

IDADE LIMITE: 54 anos 364 dias — Nas coletivas: 59 anos 364 dias — Idade média do grupo: 38 anos.

CARÊNCIA: Após 180 dias, 50% — Após 360 dias, 100%.

ATENÇÃO: O plano "doação" é exclusivo para coletivas, com carência de 30 dias.

ASSOCIAÇÃO PATROCINADORA

OCB ORGANIZAÇÃO DAS COOPERATIVAS BRASILEIRAS

(Órgão Oficial de todo o cooperativismo brasileiro)

GUANABARA Av. Pres. Franklin Roosevelt, 39 — salas 709-710 e 711 — Tel. 222-1639

VITÓRIA Av. Jerônimo Monteiro, 126 — salas 904 e 905 — Tel. 34-591 — Vitória — ES

PECÚLIO COOPERATIVO

PLANO	MENSALIDADE	TAXA / INSCRIÇÃO	BENEFÍCIO
Doação	2,00	4,00	2.000,00
Básico	10,00	20,00	10.000,00
Duplo	20,00	40,00	20.000,00
Tripla	30,00	60,00	30.000,00
Espec.	50,00	100,00	50.000,00

IDADE LIMITE: 54 anos 364 dias — Nas coletivas: 59 anos 364 dias — Idade média do grupo: 38 anos.

CARÊNCIA: 48 meses.

ATENÇÃO: O plano "doação" é exclusivo para coletivas.

cartas

Geraldo de Oliveira Lira.

LEITOR, esta página da revista "A Lavoura", é destinada a você exclusivamente e, portanto está a sua disposição para **RECLAMAÇÕES, CRÍTICAS, SUGESTÕES** ou **CONSULTAS** que nos pretenda fazer, mesmo que demandem pesquisas bibliográficas.

CASTANHA DE CAJU — Existe um grande mercado em crescimento para a castanha de caju, e o Brasil deve se capacitar para obter uma percentagem crescente deste mercado. O frete apresenta-se com vantagens, dos portos do Nordeste aos Estados Unidos — o maior importador de amêndoas de caju. A capacidade de beneficiamento do Brasil é suficiente, no momento, bem como a mão-de-obra, não sendo necessária qualquer capacidade adicional. O beneficiamento é satisfatório por enquanto, mas uma melhoria na mecanização deverá ser cuidadosamente considerada, para que o Brasil possa, quando necessário, manter ou melhorar sua participação no mercado. Caju de alta qualidade pode ser produzido no Nordeste se for dada atenção suficiente à administração, insumos técnicos e pesquisa, além de ser melhorada a eficiência de mercadologia. O líquido da castanha do caju é um produto industrial de alto preço nos mercados internacionais. O Brasil exporta cerca de 4 mil t/ano beneficiando-o, principalmente, em oito das 25 unidades do Nordeste. Este produto poderia, no entanto, ser exportado facilmente, a qualquer tempo, em maiores quantidades. O pedúnculo do caju é, em sua maior parte, não aproveitado, embora seja um potencial como matéria-prima para suco de caju e alimentação animal.

RUY FERNANDES NOGUEIRA/Major — Diretor do PARQUE REGIONAL DE MOTOMECANIZAÇÃO/7 — IV EXÉRCITO — 7a. REGIÃO MILITAR/RECI-FE/Pe.

Esta Direção tomou conhecimento através do ofício em referência, da Campanha de divulgação que a Sociedade Nacional de Agricultura vem promovendo no sentido do aprimoramento das atividades Agropecuárias do país, inclusive com a distribuição da revista especializada "A Lavoura".

Ciente da importância deste trabalho, é de grande interesse desta Direção bem como dos Oficiais relacionados, em anexo, o recebimento da referida publicação.

Aproveita o ensejo para vos parabenizar pela brilhante iniciativa e apresentar protestos de elevada estima e distinta consideração.

• **Gratos pelas referências. O Senhor e os Oficiais relacionados, passam a ser, daqui por diante, nossos assinantes.**

EUSTÁQUIO SALVADOR DO NASCIMENTO/SUPERVISOR LOCAL DA ACAR/SANTA MARIA DO SUAÇUI/MG.

Trabalhamos em Extensão Rural pela

ACAR-MINAS neste município de Santa Maria do Suaçui, Estado de Minas Gerais. Por se tratar de um trabalho que envolve pessoas prioritariamente do meio rural, pessoas quase sempre carentes de informações que as mantenham atualizadas, o que evidencia uma necessidade de escolhermos métodos, os mais delicados possíveis, tais como, excursões, cursos, Dias do Campo, etc. Em razão disto, a nossa necessidade de termos contato com literaturas como a revista "A Lavoura" é muito grande, já que podemos, inclusive difundir-la na área de trabalho ou senão as suas idéias.

Pediríamos então que estudassem as possibilidades de nos conceder assinatura gratuitamente ou então uma outra maneira para que esta revista tenha acesso a nós neste Escritório e através dela poderemos nos manter atualizados.

• **Parabéns pelo importante trabalho que vem sendo desenvolvido aí. Anotamos o seu endereço para remessas futuras.**

AUGUSTO CARRANO CASTELLANO — DIRETOR DO DEPARTAMENTO DE PRODUÇÃO VEGETAL — SECRETARIA DA AGRICULTURA — CURITIBA/Pr.

Tem o presente a finalidade de consultar V. Sa., sobre a possibilidade deste Departamento conseguir assinatura da revista "A Lavoura".

Outrossim, solicitamos informar se a assinatura é paga, o preço e qual a modalidade de pagamento.

• **A revista "A Lavoura", é distribuída gratuitamente, a todos quantos a solicitem. Já atendemos o seu pedido.**

NILTON ROCHA LEAL/ENG. AGR. — U.F.R.R.J./Km 47/Gb.

Segue em anexo o trabalho intitulado Influência do Espaçamento e Densidade de Plantio na Produtividade do Quiabeiro (*Hibiscus esculentus* L.), de minha autoria, o qual gostaria que fosse publicado na revista "A Lavoura".

Os resultados deste trabalho, ainda que preliminares no que se refere à indicação do melhor espaçamento para a cultura do quiabeiro, merece chegar ao conhecimento dos agricultores, geralmente carentes de informações sobre esta cultura.

• **Seu trabalho está realmente muito bom. Esperamos, contudo que nos remeta algumas fotos para ilustração. Será publicado.**



Dr. Peri durante a palestra tendo ao seu lado esquerdo os Drs. Altamir Gonçalves de Azevedo, Diretor da DEMA/GB e Rubens Fontes Marçilac, Diretor DEMA/RJ.

AGROPECUÁRIA FLUMINENSE

Palestra proferida pelo Engenheiro Agrônomo Peri Reis da ACAR-RJ no auditório da Diretoria Estadual do Ministério da Agricultura na Guanabara.

Abrindo o Ciclo de Palestras sobre a Agropecuária e o Novo Estado do Rio de Janeiro, iniciativa e promoção das Diretorias Estaduais do Ministério da Agricultura da Guanabara e Estado do Rio, o Engenheiro Agrônomo Peri Reis, Chefe do Serviço de Informação da ACAR-RJ, abordou o tema Panorama da Agropecuária

Fluminense. Ilustrando sua palestra com gráficos, quadros estatísticos e projeções, o conferencista deu a uma platéia de mais de 200 técnicos, uma visão global do complexo que compõe o setor de produção primária do Estado do Rio de Janeiro.

Iniciou dizendo que um milhão e cem

mil pessoas no Estado do Rio, participam da produção agropecuária, cuja estrutura fundiária apresenta 72.500 propriedades, entre as quais se destaca a faixa entre 10 a 100 hectares, com um total de 28.700 propriedades.

Quanto ao uso atual e potencialidade da terra, mostrou que levantamentos e es-

todos feitos pela ASPLAN e BGE, dizem que dos 930 mil hectares possíveis de serem cultivados com culturas anuais, apenas 255 mil são explorados. No que tange às culturas perenes, a disponibilidade ainda é maior, pois de uma potencialidade de um milhão e cem mil hectares somente 210 são cultivados. O mesmo ocorre com áreas que tecnicamente se prestam para pastagens e reflorestamento.

Continuando, falou sobre as culturas de maior expressividade na economia agrícola do Estado destacando a cultura da cana de açúcar, que ocupa uma área de 150 mil hectares, com uma produção anual de 6 milhões de toneladas ou 9 milhões e 200 mil sacas de açúcar — Cultura dos citros, com uma produção de 15 milhões de caixas de 25 kg — Arroz com produção de 2 milhões de sacos — Banana, 34 milhões de cachos — Tomate, 59 mil toneladas, com a produtividade mais alta do país: 40,6 kg/ha., além de outras culturas menos expressivas.

No que diz respeito às criações, chamou a atenção para a população bovina do Estado do Rio de Janeiro que atualmente é de um milhão e duzentas mil cabeças, sendo 18% de raças de corte e 82% de raças de leite, rebanho este que produz 300 milhões de litros de leite por ano e 22 mil toneladas de carne. Ao se referir à avicultura fluminense disse que já foi a mais expressiva do país e que atualmente passa por uma fase de reestruturação, entretanto, salientou, que sua participação na economia agrícola do Estado é da ordem de 10,4%. Em todas as culturas abordou, também a caracterização das empresas, seus problemas técnicos e administrativos.

Estrutura de apoio

Como órgão de apoio à agropecuária fluminense, no campo da pesquisa, citou a EMBRAPA (antigo IPEACS), que tem como base no Estado do Rio o Instituto de Pesquisa do km. 47, além de coordenar os trabalhos da Estação — Experimental de Campos — especializada em pesquisas de cana de açúcar — cujas variedades CB ali criadas são conhecidas em todo o mundo. Ainda da EMBRAPA, há a Estação Experimental de Avelar com experimentos em olericultura. De responsabilidade da Secretaria de Agricultura e Abastecimento, existem as Fazendas experimentais de Italva, Itaocara, Macaé, todas prestando serviços na pesquisa de cereais, fruticultura e criações. No suporte à pesquisa há ainda, a Fundação para Desenvolvimento do Norte Fluminense, FUNDE-NOR, complexo de estudos e pesquisas e, a Sub-Inspetoria Técnica do IAA.



Na falta de uma leve a outra.

qualidade Moinho Fluminense



MOINHO F LUMINENSE S. A. INDÚSTRIAS GERAIS
FABRICA: RUA SACADURA CABRAL, 280/290 - RIO DE JANEIRO - GB.



Na área de assistência técnica direta ao homem do campo, destacou a atuação da ACAR-RJ, entidade que abriga o maior contingente técnico do Estado, com uma força de trabalho de 50 engenheiros agrônomos, 27 médicos veterinários, e 22 técnicos agrícolas. Trabalhando em projetos ligados às principais culturas e bem-estar social, os Extensionistas da ACAR-RJ, cobrem com assistência técnica e crédito rural educativo, todos os municípios com expressividade na agropecuária fluminense.

Quanto ao Cooperativismo, disse o conferencista, que estão registradas, no Estado do Rio, 132 cooperativas agropecuárias, sendo 68 de produção — entre as quais destacam-se 38 de leite; 47 de consumo, 6 de prestação de serviços e 11 de eletrificação rural. Ainda neste setor, deu ênfase ao Projeto Araribóia, que é um movimento liderado pela SAA, e tem como objetivo o fortalecimento e criação de cooperativas.

No que diz respeito ao abastecimento, falou que a polícia neste setor é ditada pelo Ministério e Secretaria de Agricultura e tem como ponto de apoio a CEASA/RJ que se encontra em fase de implantação. Lembrou entretanto que a comercialização, tradicionalmente, é feita nos Baracões — pontos de encontros de comerciantes e produtores de fruti-horto-granjeiros — evidenciando a atuação dos Bar-

rações dos Mendes, Motas e Paty do Alferes.

Finalmente, como órgão de apoio à agropecuária fluminense, citou o trabalho da Comissão Estadual de Sementes e Mudanças, composta de representantes da DE-MA/RJ, SAA, ACAR-RJ, Bancos Oficiais e Produtores rurais, cujo objetivo é por em execução o PLANASEM através do AGIPLAN.

Encerrando sua palestra, o Engenheiro Agrônomo Peri Reis, falou das possibilidades da agropecuária fluminense frente a fusão, dizendo: "A modesta participação da Agropecuária no Produto Interno Líquido do novo Estado, ao invés de significar pequena importância, precisa ser considerada com maior cuidado, pois é necessário que se leve em consideração a necessidade de abastecimento do grande mercado consumidor que temos às portas; a possibilidade de competição da agricultura do Estado do Rio, pela proximidade dos grandes centros consumidores; a infraestrutura de comunicação e transporte existente, e a potencialidade ecológica. Pela formação geológica e diversidade climática que encontramos no Estado do Rio de Janeiro, por tudo mais que foi visto, temos todas as possibilidades para desenvolver uma agricultura moderna que responda em produção e produtividade as solicitações sempre crescentes do mercado consumidor".



THUYA AVÍCOLA SIMÕES

MEDICAÇÃO PREVENTIVA e CURATIVA DAS PIPÓCAS (OU CAROÇOS) DOS PINTOS, GALINHAS, PERÚS, MARRECOS, PATOS, POMBOS, PÁSSAROS E AVES EM GERAL

Para o Interior enviamos pelo reembolso postal, e também a venda à Rua do Matoso, 33-Rio-GB e Praça João Mendes, 31-S. Paulo

ESTÍMULOS ÀS COOPERATIVAS DE FORNECEDORES DE CANA

Sergio Vivacqua de Medeiros *

Com o advento do Decreto-lei n.º 1266, de 26.3.73, que trata da aplicação dos recursos do Fundo Especial de Exportação, o Governo concedeu um grande estímulo às cooperativas de produção de fornecedores de cana já existentes e à criação de novas, como é o caso da Cooperativa Agrícola de Prestação de Serviços a Fornecedores de Cana, de Guariba (SP), exemplo vivo do marcante sucesso da política de incentivos ao cooperativismo rural do setor canavieiro.

Além dos financiamentos destinados à aquisição de máquinas e implementos agrícolas, veículos e outros bens, a maioria das associações, por serem também de crédito (mistas), puderam ainda se capitalizar mediante taxa remunerativa no repasse dos empréstimos obtidos para reforço do seu capital de giro.

Os programas criados pelo referido Decreto-lei foram regulamentados pelo Ato 19/73, de 27.4.73, desta Autarquia. Posteriormente, através do Ato 19/74, de 23.4.74, ampliou-se o raio de ação dos benefícios aos plantadores de cana cooperados.

Atualmente, além da possibilidade de obtenção de crédito para aquisição de caminhões, tratores, carretas e outros

bens com a finalidade de prestar serviços aos seus filiados, as Cooperativas podem também repassá-los para os associados detentores de cotas de fornecimento de, no mínimo, 3000 toneladas.

O agente financeiro dos programas é o Banco do Brasil S.A. e para essa linha de crédito foram estabelecidos juros (reais negativos) de 7% ao ano para as entidades do Norte/Nordeste e 8% ao ano para as do Centro/Sul com prazo de pagamento de até 6 anos, inclusive até 3 de carência.

O mecanismo de atendimento às solicitações das cooperativas é bastante simples. As entidades, além de terem registro junto ao IAA, devem enviar ao Instituto os elementos que caracterizem sua situação jurídica e econômico-financeira. Essas informações, cuja apresentação é exigida para a análise dos pedidos de financiamento, são as constantes dos formulários n.º 4 e 5, anexos ao Ato 19/73.

Até o presente momento já foram beneficiadas a quase totalidade das Cooperativas inscritas no IAA, tendo sido deferidos 25 financiamentos para aquisição de centenas de veículos, máquinas agrícolas e outros bens, no importe global de Cr\$ 149 070 200,00, dos quais Cr\$ 59 775 700,00 para o Norte/Nordeste, com reflexos altamente positivos no desenvolvimento e racionalização da agroindústria açucareira nacional.

* Economista do GEAT

TANGARA S/A

INDÚSTRIA E COMÉRCIO

AV. GASTÃO VIDIGAL, 770/6
em frente ao ceasa - s.p.

arame farpado

motto 500 mts

arames galvanizados

grampos para cerca

telas

**"SE NINGUEM TIVER
TANGARA TERÁ"**

PROGRAMA da AGROPECUÁRIA

O Assessor de Relações Públicas do CEAGRI, Eng.º Agr.º Cleomenes da Silva Borges, informou a imprensa que as bases do programa de ação agropecuária determinada pelo Governo Federal, para ser posto em prática após a concretização da fusão Estado do Rio Guanabara, foram destacadas ontem pelo Presidente da Empresa Brasileira de Pesquisas Agrônômicas, Sr. José Irineu Cabral, em reunião no salão do Conselho Estadual de Agricultura.

O programa prevê o investimento de Cr\$ 6 milhões no projeto agropecuário do novo Estado, sob a cooperação da Embrapa, empresa criada pelo Governo Federal e que assumiu o controle de 90 Institutos de Pesquisas e Expansão Agropecuária de todo o país, inclusive os fluminenses. No momento 200 Engenheiros Agrônomos e Veterinários, estão fazendo cursos de técnica avançada para dar sua colaboração naquela empresa, atendendo recomendação do Ministro da Agricultura Eng.º Agr.º Allyson Paulinelli.

O Presidente da Embrapa acompanhado do Diretor da DEMA-R Eng.º Agr.º Rubens Marsillac e técnicos, estiveram em Niterói a convite do Presidente do Conselho Estadual de Agricultura, Sr. João Carlos Burguês de Abreu, empenhado em trazer soluções para os problemas agropecuários fluminenses, visando à melhoria da economia estadual. O programa motivará os principais setores do campo, como os de gado de leite e corte, arroz, milho, trigo, feijão, soja, mandioca, algodão, café e cana de açúcar, para um aproveitamento mais racional, de acordo com as possibilidades das diversas regiões do Estado do Rio.

o que foi o I SALÃO NACIONAL DE AGROPECUÁRIA

GUANABARA - 1974

Inaugurando a Feira, corta a fita o Governador Chagas Freitas, à esquerda o Vice Erasmo Martins Pedro e, à direita, Edmundo Campello Costa, Secretário de Agricultura





Discurso de inauguração. Fala o Secretário de Agricultura, Dr. Eduardo Campello Costa.

Assombrando técnicos e leigos, o Pavilhão de São Cristóvão, em pleno coração da Guanabara, durante 10 dias foi o palco de uma realização inédita: o I Salão Nacional de Agropecuária, levado a efeito em área totalmente coberta (34.000m²).

A Associação dos Criadores de Guzerá depois da I Expo-Guzerá levada em Cordeiro — RJ, manifestou o seu desejo de apresentar a raça Guzerá num grande centro como a “Cidade Maravilhosa”. A Secretaria de Abastecimento e Agricultura aceitou o desafio através o seu Diretor do Departamento de Produção Animal, o Médico-Veterinário ACÁCIO MIGUEL DE SZECHY.

Planejar tudo, coordenar, convocar, exortar, cobrar e contar com poucos recursos, não foram tarefas fáceis, entretanto, com a colaboração de servidores dos demais Departamentos, o Excelentíssimo Senhor Secretário de Abastecimento e Agricultura — Dr. EDMUNDO CAMPELLO COSTA, com satisfação inédita, viu coroado de êxito um esforço que frutificou abundantemente.

Às vésperas do prazo fatal, criadores de Guzerá, céticos, duvidavam ser possível realizar a inauguração na data pré-determinada. Alguns chegaram quase que ao desespero, temerosos de um fragoroso fracasso e inclusive invocaram a desistência na última hora.

Bernardo Winkler e José Cristovão, acompanhados sempre pelo Coronel Souza Carvalho, Diretores da Associação dos Criadores de Guzerá, com suas críticas e exigências, instigavam e estimulavam. As dificuldades teriam que ser vencidas. Apareciam às dúzias a cada momento, entretanto, um comando firme, enérgico, quase que ditatorial, levou a empreitada a bom termo. O Dr. Acácio foi duro, inflexível muitas vezes, mas todos, afinal, reconheceram o seu acerto.

Na hora aprazada, com banda de música e tudo o mais, o Excelentíssimo Senhor Governador do Estado, Dr. ANTONIO PÁDUA DE CHAGAS FREITAS, acompanhado de autoridades, inaugurava o certame. Prova de agrado foi a permanência do Exmo. Senhor Governador durante três horas, o que de regra não acontece em qualquer inauguração que faz.

Feericamente iluminado, limpo, organizado, o Pavilhão de São Cristóvão transmitia um ar de festa, de alegria, num ambiente de verdadeira feira onde os visitantes se divertiam pela variedade de novidades expostas.

Gado bovino, equino, caprino, ovino, coelhos, chinchila lanígera, pombos ornamentais, faisões, aves de muitas raças exó-

ticas, deram um tom diferente ao certame. Os “Stands” montados, todos relacionados à vida campestre, foram admirados e num concurso de originalidade, se efetivado, teria sido bem difícil escolher o mais interessante. Todos se esforçaram e aquele miúdo de barracas e animais fez com que esta Exposição sobrepujasse todas as já realizadas no Pavilhão de São Cristóvão e isto, na opinião dos próprios funcionários da RIOTUR, responsável pelo recinto.

Crianças de 8 a 80 anos tiveram um entretenimento inigualável e até mesmo durante os dias úteis, o recinto esteve sempre regorgitante de visitantes. Aos sábados e domingos a afluência foi até em demasia. Muitos puderam assistir o nascimento de vários cabritinhos, a postura de ovos pelas aves, o acasalamento entre pombos, a ordenha de vacas, puderam afagar bezerros e búfalos, observando o que antes nunca tiveram oportunidade.

Perambulando em meio à massa popular, os técnicos puderam ouvir as exclamações mais absurdas, fruto da falta de vivência e desconhecimento da vida animal.

A Secretaria de Abastecimento e Agricultura da Guanabara em seu “Stand” distribuiu milhares de folhetos sobre criação de coelhos, pombos ornamentais, rãs e combate à raiva. Muitos desses folhetos tiveram que ser, posteriormente, remetidos

dos aos mais distantes rincões do Brasil, tal a repercussão divulgada pelos que os adquiriram.

Como movimento comercial, os resultados foram fantásticos. Todos os espécimes da raça Guzerá disponíveis foram vendidos. Coelho, faisões, pombos e as demais aves ornamentais foram negociadas e reclamadas até por visitantes estrangeiros. Muitos criadores quase que se arrependiam por terem afixados seus endereços, pois, depois de esgotados os estoques de venda, os telefonemas e as visitas não os deixavam em paz.

João Silva, os irmãos Veloso, Teixeira da BELTEC, a turma do Chinchila lanígero, da ECKARDT, os criadores de Guzerá, todos enfim, se desmanchavam em sorrisos, refletindo aquela satisfação pela evolução dos acontecimentos. Muitos, antecipadamente, já solicitam especial atenção para a próxima exposição, pois não podem ser esquecidos, porquanto pretendem comparecer e com mais entusiasmo, com mais aparato etc..

A FUNDENOR, de Campos, veio prestigiar o certame e seus Diretores se sucediam no seu "Stand" dando explicações e orientando.

No "Stand" da Secretaria de Abastecimento e Agricultura da Guanabara, os Médicos Veterinários do Estado ficaram extenuados ao prestar tantas informações e orientações, solicitadas pelos interessados.

Num ambiente como o do Pavilhão de São Cristóvão, construído para exposições, porém de outra natureza, onde tudo foi artificializado, nem mesmo faltou o clássico picadeiro ou pista de julgamento dos bovinos e o rodeio da tropa do famoso Zé Baiana (que é de Pirapora - MG).



Colheiras moduladas tipo "Jacanã" — Santa Casa de Misericórdia de Jacanã — S.P.
Práticas higiênicas, confortáveis e até bonitas.

Descrever o que foi o I Salão Nacional de Agropecuária, a eficiência dos Drs. MARIO RIBEIRO ESTRELLA e FERNANDO QUEIROZ, Médicos Veterinários da Secretaria de Agricultura do Estado do Rio de Janeiro, os primeiros a anteciparem a fusão, assim como a dos seus prestimosos auxiliares e a pleiade de companheiros que colaboram, direta e indiretamente, demandaria páginas e mais páginas, mas vale a pena registrar a solenidade da entrega dos prêmios.

O criador Napoleão Fontenelle — E.S., foi o grande vencedor, arrebatando um "caminhão" de taças, justamente as maiores, as mais bonitas e mais caras, para não

dizer: as mais cobiçadas. Levantou os grandes campeonatos, num total de 234 pontos contra 156 da segunda colocada: — S/A Agrícola de Santa Luiza, hoje, a detentora de um dos maiores e melhores plantéis da raça Guzerá no Brasil.

Ernesto Salvo, com 132 pontos, representou brilhantemente a turma de Curvelo — MG, no que foi coadjuvado por Alberto Marques, com 78 pontos. Uberaba, daquela lonjura, fez 110 pontos com os espécimes do saudoso Mario Franco, cujos filhos estiveram a frente dos seus negócios durante a exposição.

A marca J.A., por todos conhecida e respeitada, lavrou os seus tentos e abiscoi-

Bufalos apresentados na exposição pelo Grupo Mario de Almeida Franco





Gulab — campeão de ganho de peso Sociedade Agricola Santa Luiza Estado do Rio

...tou 92 pontos, conseguindo bons prêmios.

Selio Gomes de Almeida, de Campos — RJ, embora bem novato na lida da raça Guzerá, foi a grande revelação, pois conseguiu em meio a tanta gente batuta, ganhar uns bons prêmios.

José Freitas, Allyrio de Abreu (J.A.), Quissamã, Felix Urquiza, Pedro Epiphânio, Fazenda Santa Terezinha, Renato Carneiro, Espólio Osmane Barbosa, Severino Costa, Fazenda das Quatro Meninas (Winckler, Bernardo), Divaldo Jardim, entre tantos, foram premiados e promoveram a raça. Alguns ausentes, embora inscritos, fizeram feio e muito.

O julgamento sob responsabilidade do Médico Veterinário Zootecnista João Barrison Villares (juiz único, o que data venia é o CERTO), foi esplendido e se não agradou 100% é porque isto antes nunca ocorreu.

E os anunciados cangurus? — Foram atração, embora fossem os Valabis, uma das espécies menores.

Estudantes de veterinária, agronomia, zootecnia, de várias partes do País, e a pelizada das escolas públicas, visitaram o SALÃO e levaram aquela impressão.

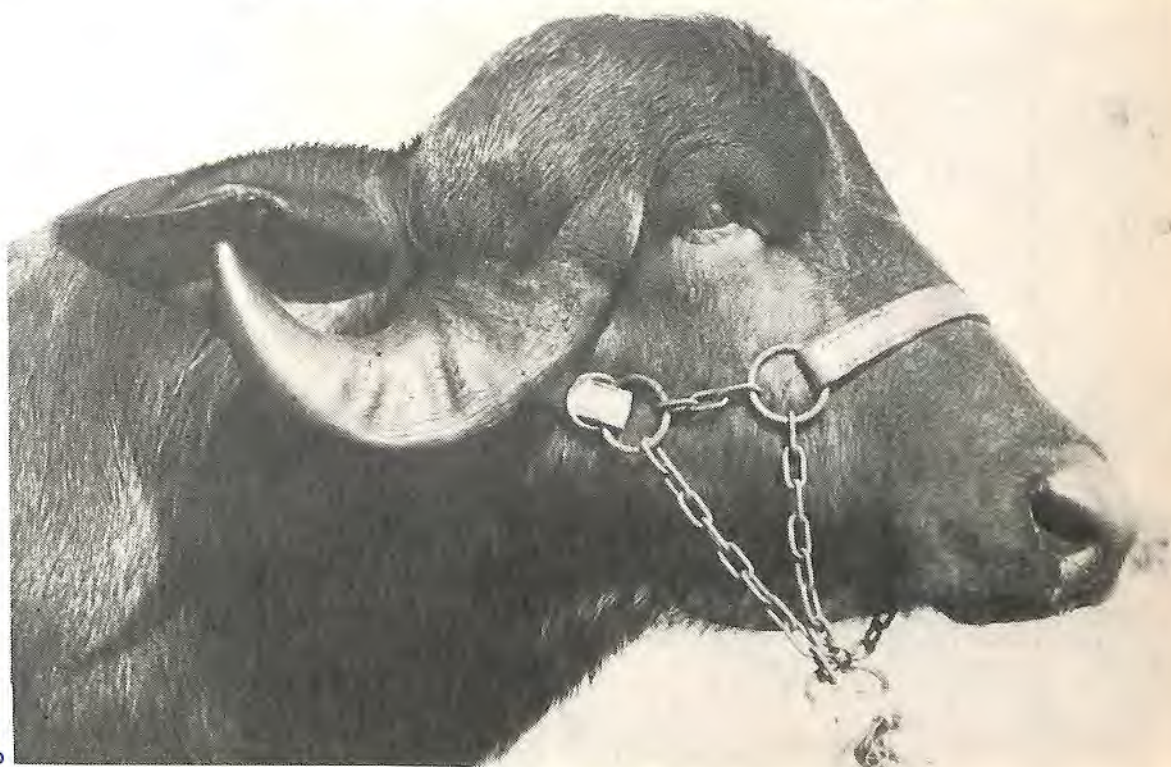
No encerramento, por ocasião da entrega dos prêmios, dois atos singulares marcaram o espírito de agradecimento e

satisfação dos criadores: primeiro, depois de tanta euforia no recebimento das taças, troféus, medalhas e diplomas — JOSÉ PERES — presidente da Associação dos Criadores de Guzerá, entregou ao organizador e comandante em chefe do I Salão Nacional de Agropecuária — Diretor do Departamento de Produção Animal da Secretaria de Abastecimento e Agricultura da Guanabara, um lindo bronze, figurando um reprodutor Guzerá, com a seguinte inscrição: — “ACÁCIO MIGUEL DE SZÉCHY pela inestimável colaboração na realização da II Expo-GU.”. Entrevistado logo em seguida, o Dr. Acácio se confessava recompensado pela grande luta e afirmava: — “esse é o único Guzerá que não tem preço” e, jocosamente (por ser criador de Nelore) — “é pena que seja estéril, não se reproduz”. Provocou boas gargalhadas.

O segundo ato foi também maravilhoso. José Cristovão e o Coronel Souza Carvalho, diretores da Guzerá, num ritual de arrepiar os pelos, tanto pela majestade dos movimentos como pelo “fácies” de cada um, descerraram a bandeira-símbolo da Associação dos Criadores de Guzerá, dobraram-na num civismo que muitos não demonstram ao tratar o nosso Pavilhão Nacional e a entregaram ao Presidente José Peres. Este, de pé, de microfone em punho, entregou o lindo presente ao Secretário Campello, a fim de que o guardasse como recordação daquela memorável festa.

Coisas assim, tornaram esta exposição inesquecível.

Encerrando esta reportagem, A LA-VOURA faz votos para que o feito seja muitas vezes repetido e se não puder ser melhor, não será necessário.



Bufalo apresentado na exposição pelo Grupo Mario de Almeida Franco



A Fazenda Capela, localizada no Km 125 da BR-101, no município de Casimiro de Abreu, R.J., de propriedade do Eng.º Agrônomo JOÃO BU-CHAUL compareceu ao I Salão Nacional da Agropecuária, realizado em agosto próximo passado, no Pavilhão de São Cristóvão, na Guanabara, expondo seus reprodutores, da raça Gir Leiteiro, em uma vitrine de magnífica apresentação.




**Mate pela paz da sua
lavoura.
Use inseticidas Inif
e Lavrador da Cocito.**

Cocito Irmãos Técnica e Comercial S.A.
Matriz - S. Paulo - R. Capistrano de Abreu, 205 (Barra Funda)
Rio de Janeiro: Rua Mairink Veiga, 31-A
Porto Alegre: Rua Voluntários da Pátria, 664
Distribuidores em todo o território nacional.

O Diretor 1.º Secretário da SNA, Eng.º Agr.º Carlos Infante Vieira, foi homenageado pela SMEA — Sociedade Mineira de Engenheiros Agrônomos “pelos relevantes serviços prestados ao engrandecimento da profissão agrônômica” no dia dedicado à classe, juntamente com outros técnicos que mais se destacaram no setor.

Ex-Presidente da entidade, com uma folha de serviços exemplar à agricultura brasileira, o Eng.º Agr.º Carlos Infante Vieira recebeu a medalha e o diploma conferidos pela SMEA das mãos do Secretário da Agricultura de Minas Gerais, Eng.º Agr.º Renato Simplicio Lopes (na foto à esquerda), afirmando na ocasião que “a homenagem constituirá um galardão do qual nos orgulharemos pela vida a fora”.

À solenidade — presidida pelo Eng.º Agrônomo José Alfredo de Paula — realizada em Belo Horizonte, na sede da SMEA, compareceram entre outros o presidente da Associação Latino-Americana de Engenheiros Agrônomos, prof. Flamarion Ferreira; o vice presidente do Conselho Regional de Engenharia, Arquitetura e Agronomia, Eng.º Agr.º Carlos Eugênio Tibau; o diretor da Escola Superior de Agricultura de Viçosa, prof. José Brandão Fonseca e a Sra. Neide Salles Duarte, presidente da Sociedade das Senhoras dos Engenheiros Agrônomos de Minas Gerais.

Carlos Infante Vieira rememorou passagens de sua vida profissional, ressaltando os nomes “de dois dedicados companheiros como símbolos da agronomia mineira: Alysson Paulinelli e Renato Simplicio Lopes — jovens e valorosos líderes que surgem no cenário da agricultura nacional”, dentre muitos outros que ocupam elevados cargos na administração pública brasileira.

sociedade mineira de engenheiros agrônomos prestou homenagem a diretor da SNA



Livros e Publicações



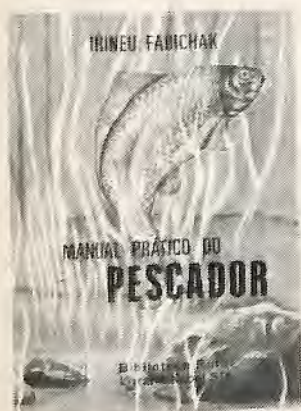
COSTA, Benjamin Loureiro da — *Criação de pintos; manejo e nutrição das aves em crescimento*. 2. ed. São Paulo, Nobel, 1973. 184 p. ilustr. — (Biblioteca rural, 5)

Dá ênfase ao manejo da criação de aves, em suas diferentes fases. Orienta o criador quanto a escolha da ave a criar, de acordo com o fim e no que diz respeito à época de criação.

Apresenta excelentes tabelas na parte referente a alimentação.

A criação de frangas é tratada na parte final do trabalho. São ressaltadas e citadas as vantagens das forrageiras que se recomendam para plantio nos parques, pela sua palatabilidade e resistência.

Possui índice alfabético no final do volume. **EXCELENTE TRABALHO.**



FABICHAK, Irineu — *Manual prático do pescador*. 7. ed. São Paulo, Nobel, 1973. 160 p. ilustr.

Não se destina a profissionais e,

tampouco, a conhecedores a fundo de pescarias.

Contém informações úteis como: o modo de preparar as varas, suas linhas, o difícil encastamento dos anzóis, como acampar e os cuidados contra as cobras venenosas, tão frequentemente encontradas nas margens dos rios e lagos. **TRABALHO INTERESSANTE.**

FLECHTMANN, Carlos Holger Wenzel — *Ácaros de importância agrícola*. São Paulo, Nobel, 1972. 150 p. ilustr.

Resume os conhecimentos atuais sobre a importância, biologia e taxonomia dos ácaros que atacam as nossas culturas e seus produtos.

Sugere medidas de controle, procurando assim preencher a lacuna de inexistência de publicação que vise orientar os interessados no campo da Acarologia Agrícola.

Possui bibliografia e índice alfabético no final do volume. **BOM TRABALHO.**



JARDIM, Walter Ramos — *Os ovinos*. São Paulo, Nobel, 1974. 196 p. ilustr. (Biblioteca Rural)

Obra compacta sobre exploração ovina, destinada a estudantes de Zootecnia, agrônomos, e fazendeiros evoluídos, não incluindo os especialistas.

Apresenta de modo sucinto e objetivo noções básicas de Ovinocultura considerando as variadas condições

do enorme território nacional. Possui bibliografia no final do volume. **BOM TRABALHO.**

NEMATÓIDES DAS PLANTAS CULTIVADAS
LUIZ GONZAGA E. LORDELLO



Biblioteca Rural
Livreria Nobel S/A

LORDELLO, Luiz Gonzaga Engelberg — *Nematóides das plantas cultivadas*. 2. ed. rev. e atual. São Paulo, Nobel, 1973. 200 p. ilustr.

Obra dedicada aos alunos que cursam a disciplina de Nematologia, bem como aos engenheiros agrônomos, fitossanitaristas, pesquisadores agrícolas, agricultores adiantados etc., os quais se defrontam a todo momento com os problemas resultantes de parasitismo por nematóides.

Trata da organização dos nematóides, aspectos biológicos, métodos gerais de controles nematóides causadores de galhas, etc. **BOM TRABALHO.**

MARICONI, Francisco de Assis Meneses — *Insetos daninhos às plantas cultivadas*. 2. ed. São Paulo, Nobel, 1972. 124 p. ilustr. (Biblioteca Rural, 4).

Tem como objetivo fornecer informações para o reconhecimento e combate às principais pragas de nossas culturas e de nossos produtos armazenados, mas de uma maneira simples, sempre que possível sem o uso de termos técnicos.

Auxilia os fitossanitaristas, os agricultores, os engenheiros-agrônomos, bem como os estudantes dos cursos de Agronomia.

Possui bibliografia no final do volume. **TRABALHO MUITO BOM.**

ESTEIO

grandiosa exposição de animais

Apresentando vendas superiores a 25 milhões de cruzeiros, a Exposição de Esteio, que se localiza nas proximidades de Porto Alegre no Rio Grande do Sul, teve afluência recorde. Cerca de 1 milhão de pes-

soas lá compareceram para apreciar animais vindos de 11 países, além do Brasil.

Belo touro DEVON de origem inglesa



Ao desfile inaugural compareceu o Sr. Presidente Ernesto Geisel, que em companhia do Governador Euclides Triches e dos Srs. Ministros Alysson Paulinelli, da Agricultura, Silvio Coelho Frota, do Exército, Arnaldo Prieto, do Trabalho e outras altas autoridades, percorreu as dependências do parque, onde teve a oportunidade de observar os maravilhosos exemplares de diversas espécies e percorrer as áreas reservadas aos estandes das firmas expositoras de materiais e implementos agropecuários.

Durante a exposição estiveram presentes vários Embaixadores, tais como: o da Inglaterra, Holanda, Argentina, Alemanha, EE.UU, Uruguai, Austrália, França etc. . . além de outras autoridades estrangeiras.

Esta Sociedade fez-se representar pelo seu Presidente, Dr. Luiz Si-

mões Lopes, recém chegado da Europa, onde participou de importantes eventos agropecuários, inclusive da HORSE SHOW, de Dublin, na Irlanda.

Mais de 3000 animais nacionais foram apresentados para disputar na passarela com 450 exemplares das melhores procedências.

A pecuária francesa esteve presente com 36 bovinos das raças Charolêsa, Normanda, Pardo dos Alpes, Vermelho do Leste, etc. . .

O touro FEODAL — grande campeão da raça Charolêsa na exposição de Paris, foi um dos grandes astros da exposição.

Na parte referente à ovinos 20 exemplares das raças Ile de France e Berrichon du Cher foram apresentados.

Houve uma afluência recorde de animais de raças inglesas; mais de

R 97740 — Este carneiro tosquiado, do rebanho de P. Steward Tory and Sons. de Blandford, Dorset, foi considerado campeão da raça Hampshire Down no "Royal Show" de 1974. O carneiro participou da Exposição de Porto Alegre.



100 cabeças de gado de 10 raças, 50 carneiros de 7 raças e poneis galeses.

Presentes estiveram 8 campeões do último "Royal Show" realizado, são eles: O campeão da raça Lincoln Red, — vendido em Porto Alegre e sendo recorde absoluto; touro campeão da raça Denvon; carneiros campeões macho e fêmea da raça South Down; os campeões macho e fêmea Hampshire Down e os campeões machos das raças Lincoln Long Wool e Romney Marsh.

Além dos animais foram exibidos os mais modernos tratores, máquinas e implementos de várias procedências dando à exposição um gabarito impressionante.

É de esclarecer que o Parque de Esteio foi proclamado pelos próprios estrangeiros presentes como sendo um dos melhores locais de exposições de animais do mundo,

tal o seu aprimorado aparelhamento e a grandiosidade de suas instalações, o que o coloca em situação de igualdade com seus congêneres de Palermo, na Argentina, e El Prado, no Uruguai.

Para que se possa ter uma idéia da importância econômica de certas dessas natureza, suficiente se torna informar que, dentre os animais leiloados, o recorde coube a um touro da raça Hereford, trazido do Canadá, cujo preço atingiu a 270 mil cruzeiros, vindo em seguida, um touro Denvon, de criação gaúcha, adquirido por 260 mil cruzeiros.

Pelo que já representa economicamente a pecuária brasileira e pelos incentivos que vem recebendo, em prol de seu aperfeiçoamento e melhor produtividade, fácil é prognosticar o decisivo papel que, dentro em breve, desempenhará no progresso do Brasil.

R 97749 — Este carneiro da raça Romney — da classe de duas ou mais tosquias — foi declarado o campeão de sua raça no "Royal Show" deste ano. De propriedade da Limestone Farming Company, de Lincolnshire, na Inglaterra central, figurou entre os vários representantes de criações britânicas na Exposição Internacional de Porto Alegre.



Notícias & Informações do Brasil

**QUINTO ANIVERSÁRIO
DE CRIAÇÃO DA EMBRAER
E ASSINATURA DE ACORDO
DE COOPERAÇÃO INTERNACIONAL
COM A
PIPER AIRCRAFT CORPORATION**

Com a presença do Ministro da Aeronáutica Joelmir Campos de Araripe Macedo e representantes dos Ministérios da Fazenda, da Indústria e Comércio e da Secretaria do Planejamento, que em agosto de 1969 patrocinaram a criação da EMBRAER — Empresa Brasileira de Aeronáutica S.A., foi comemorado em São José dos Campos o quinto aniversário do Decreto-Lei n.º 770, de 19 de agosto de 1969, o qual criou a empresa que hoje é a maior fabricante de aviões da América Latina.

Mantendo um ritmo de crescimento sem precedentes, a EMBRAER construiu no período uma moderna fábrica de 85.000m², projetou e lançou a produção do EMB-110 BANDEIRANTE e do EMB-200 IPANEMA, além de fabricar sob licença o avião de treinamento e emprego militar XAVANTE, aparelhos que hoje

Linha de montagem EMBRAER





prestam serviços nos mais variados setores do transporte aéreo, agricultura e na Força Aérea Brasileira. A produção acumulada de mais de 150 aviões dos modelos acima deverá dobrar em menos de um ano, estando previstas serem fabricadas nos próximos anos cerca de 500 aeronaves anualmente, de diversos tipos.

Contando com um efetivo superior a 3.000 empregados, com elevada porcentagem de engenheiros e técnicos de alto nível, a EMBRAER desenvolveu e consolidou uma moderna tecnologia própria na indústria aeronáutica, a qual permite a sua equipe desenvolver aparelhos mais avançados, como o avião pressurizado de alta performance para 21 passageiros, atualmente em estágio adiantado de projeto e o transporte médio CX, em fase de especificação com o Ministério da Aeronáutica.

O acontecimento de destaque da solenidade na fábrica da EMBRAER foi a assinatura de um acordo de cooperação com a PIPER Aircraft Corporation, dos Estados Unidos, pelo qual as duas empresas se comprometem a estabelecer uma estreita colaboração nas áreas de desenvolvimento, produção e comercialização de aviões.

Inicialmente, com o objetivo de queimar etapas e proporcionar a curto prazo uma sensível economia de divisas para o país, o acordo prevê a fabricação pela EMBRAER de dois consagrados modelos de aviões PIPER, os bimotores a pistão SENECA e NAVAJO, de grande aceitação pelo mercado brasileiro e atualmente importados em quantidades próximas de 100 unidades anuais. A médio prazo, serão abertas à EMBRAER amplas possibilidades de exportação de seus produtos através da utilização opcional da rede da PIPER no mundo, a mais vasta entre todos os fabricantes internacionais. Os pontos altos do acordo, que não envolve pagamentos de licenças ou "royalties" em nenhum sentido, são aqueles referentes às possibilidades de participação da indústria brasileira no mercado internacional de aviões bimotores leves, através de um trabalho conjunto das duas empresas no desenvolvimento de novos modelos e intercâmbio de informações técnicas.

Representando a empresa norte-americana, assinaram o acordo os senhores J. Lynn Helms, Presidente e Dudley C. Phillips, Vice-Presidente da PIPER, em ato presidido pelo Dr. Aldo B. Franco, Presidente da EMBRAER.

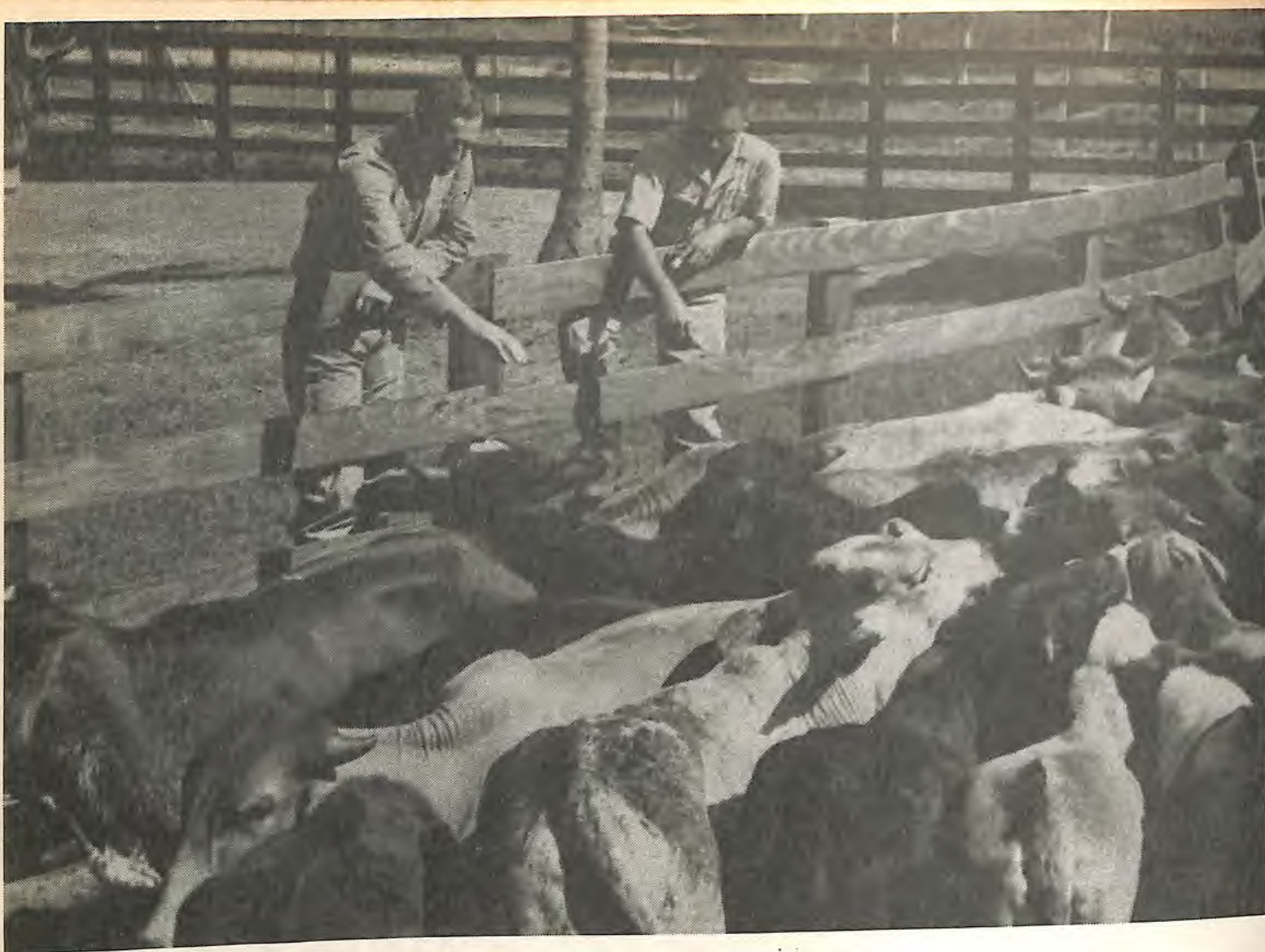
CONEXPO'75 — A MAIOR FEIRA INDUSTRIAL DO MUNDO

Será realizada em Chicago, Illinois, de 9 a 14 de fevereiro, a CONEXPO'75, exposição de equipamento de construção e terraplenagem — a maior feira industrial do mundo. Ali estarão reunidos os mais modernos equipamentos e acessórios e os mais avançados métodos da indústria de construção.

Pelo menos 200 firmas estarão representadas na CONEXPO'75. Elas demonstrarão quase 2.000 máquinas. O valor de todo esse equipamento será superior a 100 milhões de dólares.

A próxima CONEXPO será patrocinada — a exemplo do que tem sucedido nos últimos 50 anos — pela Construction Industry Manufacturers Association — CIMA. As firmas associadas à CIMA são responsáveis por 95% do valor total em volume de vendas de todos os equipamentos de construção fabricados nos Estados Unidos, e por uma boa parcela das máquinas de construção de todo o mundo.

O Instituto de Engenharia, a revista Engenharia e a Caterpillar — Brasil S.A. estão organizando uma excursão aos Estados Unidos, com visitas a locais pitorescos, obras, fábricas da Caterpillar e à CONEXPO'75, por um preço bem razoável.



ÊNFASE ESPECIAL AO CENTRO-OESTE

As exportações de carne bovina do Brasil deverão sofrer, neste ano, uma queda de 45%. No ano passado elas chegaram a 193,1 mil ton. e neste ano não deverão passar de 104,5 mil ton., a previsão é do Departamento de Agricultura dos EE.UU. Com a Argentina acontecerá o mesmo exportando menos 193.000 ton. que em 1973.

"A política de comércio exterior brasileiro entrou agora numa nova fase que consiste na necessidade de aperfeiçoar o sistema de comercialização externa, principalmente de produtos agrícolas, de modo a promover a concentração das empresas exportadoras num grau compatível com as condições do mercado internacional, e a fazê-las chegar mais perto do consumidor estrangeiro".

Muitos agricultores nacionais estranham que o Ministro da Fazenda, com acesso a uma vasta gama de informações sobre a economia brasileira, tenha previsto um crescimento de 8% para o produto agrícola em 1974. Os altos custos de produção, aliados à retração das vendas de vários produtos, principalmente soja e café, certamente impedirão que a estimativa do Ministro Simonsen se concretize. O principal problema enfrentado pelo setor primário é o custo dos fertilizantes, que tiveram aumentos de 200% de um ano a esta parte. "Se eu não tivesse comprado uma grande quantidade de adubo no ano passado, não sei o que estaria fazendo hoje", foi o comentário de um agricultor. A previsão de prejuízo para os produtores paulistas de soja está em torno de Cr\$ 1.500 por alqueire plantado.

Até mesmo o relatório da Sanbra, que obteve um faturamento de Cr\$ 3 bilhões no exercício encerrado em fevereiro passado, não indica boas perspectivas para o setor agroindustrial em 1974. Devido ao contingenciamento e proibição de exportação de vários produtos agrícolas, tanto a fluidez do abastecimento interno como o ritmo das exportações correm risco. Além de afirmar que 1973 foi o ano da estagnação para o algodão, a Sanbra, através de seu relatório anual, acentua que a safra das águas do amendoim teve sua produção reduzida em quantidade e qualidade pelas chuvas. De uma previsão de 400 mil toneladas, foram colhidas apenas 275 mil. Como o contingenciamento da exportação de óleo não tem permitido a comercialização da safra de forma compensatória, o produtor está sendo desesti-

mulado ao plantio da safra da seca. A Sanbra considera que somente medidas especiais de apoio manterão a dinâmica de crescimento de anos anteriores, mas vale lembrar que, nestes anos a média do incremento do produto agrícola foi de 4%. Nos últimos dez anos, somente em 1965 (13,79%) e 1971 (11,40%) o crescimento do produto real da agricultura ultrapassou 6%.

Para se manter o nível de crescimento do Produto Interno Bruto na faixa de 10%, a agricultura brasileira deve expandir-se a uma taxa mínima de 7 a 8%. Para tal, deve ser incorporado ao total da área cultivada um mínimo de um milhão de hectares, anualmente. Por isso, o planejamento do Governo concede uma ênfase especial ao Centro-Oeste brasileiro, onde se encontra elevada parcela de terras, de boa qualidade, ainda sem adequada exploração ou mesmo totalmente inexploradas.

A região Centro-Oeste abrange os Estados de Mato Grosso e Goiás, o Território Federal de Rondônia e o Distrito Federal, ocupando uma área de 2.122.499 quilômetros quadrados, o que corresponde a cerca de 25% da superfície total do País. O clima tropical úmido predomina em 3/4 de sua área, caracterizando-se por uma estação de seca acentuada e coincidente com o inverno. As chuvas (1.000 a 2.000 mm anuais) concentram-se entre novembro e fevereiro e as temperaturas médias mensais oscilam entre 18 e 25 graus centígrados.

O Brasil está colocado em 6º lugar entre os maiores produtores mundiais de algodão com uma produção de 2.800.000 fardos na safra 1972/73.

Em 1º lugar está os EE.UU. com 13.800 mil fardos, em 2º lugar a URSS com 11.300 mil, em 3º a China Continental com 6.500 mil, em 4º a Índia com 5.200 mil, em 5º o Paquistão com 3.235 mil fardos.

A produção mundial foi de 59.200 mil fardos na safra considerada e o consumo de 57.300 mil fardos a maior verificada desde 1964/65.

PARANÁ

É TEMPO DE COMBATER O PULGÃO

O pulgão já se faz presente nos trigais paranaenses. As formas de combate e suas características, são aqui analisadas por Rodolfo Harry Steindorf, coordenador de cereais da Acarpa:

"*Pulgão dos cereais* — Trata-se de inseto sugador (*Schizaphis graminum*, Rondani, *Toxoptera graminum*, Rondani, *Acyrtosiphum mallophum*) os quais

ASTENIA SEXUAL

Voronoff revolucionou a Medicina demonstrando a possibilidade da restauração das energias perdidas e do vigor sexual. Chamamos a atenção da classe médica para a fórmula de TONOKLEN (comprimidos), destinada à restauração das funções genitais.

**NAS FARMÁCIAS E DROGARIAS
OU PELO REEMBOLSO — CAIXA
POSTAL 24.039 — TIJUCA-RIO**

Tosse? XAROPÊ MUSSAMBÊ

eficaz e seguro

atingem de 1,5 a 2,0 m de comprimento em sua fase adulta. A sua forma é oval alongada, de coloração verde clara, podendo tomar as vezes um tom amarelado. Apresenta-se em formas aladas (com asas) e ápteras (sem asas).

Sua reprodução é por partenogênese, isso quer dizer que não há necessidade da fecundação do ovo para se criarem novos pulgões.

Os pulgões aparecem nas plantações, formando colônias, as quais se localizam na face inferior das folhas e aí sugam as folhas provocando a clorose das mesmas prejudicando o desenvolvimento das plantas.

A medida que o ataque de pulgões se torna mais intenso começa a ocorrer o secamento das extremidades das folhas e aparecem as manchas na lavoura.

A ocorrência dos pulgões na lavoura de trigo poderá acarretar grandes prejuízos caso não se providencie o seu rápido combate, com inseticidas apropriados.

O prejuízo é tanto mais acentuado, quanto mais novas forem as plantas e quanto mais prolongadas forem as estiações.

Além dos prejuízos causados pela infestação de pulgões ainda se tem os danos que podem advir em consequência da transmissão de viroses e entre estas principalmente a virose que provoca o nanismo.

DIRETORES DA IITA VISITAM A EMBRAPA

Com a finalidade de conhecer a nova organização institucional da pesquisa agropecuária no Brasil, e paralelamente, examinar a possibilidade de apoio e cooperação aos programas desenvolvidos na área de agricultura tropical, estiveram em Brasília, na sede da EMBRAPA, onde se reuniram com a Diretoria Executiva desta Empresa, os Srs. John Nickel e Bede Okigbo, Diretores do Instituto Interamericano de Agricultura Tropical (IITA), com sede na Nigéria.

O IITA tem por objetivo aumentar a produção de alimentos nos trópicos úmidos da África, concentrando suas pesquisas em alguns produtos básicos como arroz, milho, caupi, batata-doce e inhame. Conta com o suporte financeiro da Ford Foundation, Rockefeller, Banco Mundial e USAID, possui 40 técnicos de várias nacionalidades e, atualmente, mantém dois programas prioritários, envolvendo pesquisas de aperfeiçoamento do cultivo e melhoramento das culturas citadas.

Os representantes do IITA vieram ao Brasil a convite da EMBRAPA, dado os interesses mútuos em áreas de pesquisas comuns aos projetos desenvolvidos pelas duas instituições e ainda esta semana deverão entrar em contato com os programas de pesquisa do IPEAN e do IPEAAOc.

Existem também espécies que atacam as panículas, secando os grãos, afetando o desenvolvimento e formação das mesmas.

Controle da praga: Como os pulgões se localizam na face inferior das folhas e como são insetos sugadores não se recomendam os tratamentos com inseticidas em pó. Devem ser utilizados para o combate dos pulgões, inseticidas sistemáticos fosforados ou não tais como: Dimethoate (Perfektion, Roxion, Fostion MM) 50% CE a razão de 1,5 litro por alqueire; Malathion (Malatol) 50% CE — 5,6 litros por alqueire; Malation (Malatol) 96% LVC (UBU) 3 litros por alqueire.

Entre as demais pragas que atacam a cultura do trigo citam-se como mais importantes a *lagarta militar* de coloração parda-escura até quase preta, com 5 cm de comprimento; o *coruquerê dos capinzais* de coloração verde-escura, com 4 cm de comprimento; *lagarta elasm* de coloração verde azulada atingindo até 1,5 cm de comprimento quando adultas.

O combate a essas lagartas pode ser realizado através de diversos produtos tais como: Carbaryl 85% PM (carvin-servin) 1,5 kg por alqueire; Endrin 1,5% Pó 40 kg por alqueire; Canfeno clorado 10% Pó — 40 kg por alqueire; Malathion 4% — 40 kg por alqueire; Diazinon 1,5% — 40 kg por alqueire, Parathion metílico ou etílico a 1% — 40 kg por alqueire.

Com o objetivo de estabelecer as bases para implementação de uma política editorial para a EMBRAPA, o Assessor do Departamento de Difusão de Tecnologia, Luiz Fonseca, visitou o IPEACS, o IPEAN e o IPEAAO. Em cada um destes Institutos, discutiu com os respectivos diretores e técnicos encarregados das atividades de informação sobre a mecânica utilizada para preparar as publicações, tendo também orientado o levantamento de originais disponíveis para edição imediata. Os demais Institutos serão visitados pelo técnico Carlos Ponciano Cavalcanti, também do DDT.

A Área de Estudos sobre Difusão e Adoção de Tecnologia do DDT, iniciou os trabalhos de levantamento e análise dos estudos existentes no Brasil (e no exterior sobre o Brasil) em relação ao processo global de transferência de tecnologia para produtores rurais. Nesse levantamento procura-se identificar, de cada estudo sócio-econômico analisado, o quadro geral de referência, as variáveis utilizadas, o universo empírico a que cada trabalho se refere, os testes estatísticos e os resultados conseguidos.

Esse trabalho específico da Área de Estudos sobre Difusão e Adoção, do DDT, tem um período de duração previsto de seis meses e se constitui num passo fundamental para a elaboração de um modelo de transferência de tecnologia da EMBRAPA para os produtores rurais.

SÃO PAULO

SP — ANDA tem nova Diretoria, são os seguintes elementos:

Péricles Nestor Locchi — Presidente da Dir. Executiva, Clóvis Galante (IAP), Luiz Akemine (Takenaka), Wilson Alves Araújo (Cepas), Anatole Anthony Pilnik (Copebrás).

SP — Dr. Adeval Cezar Carvalho participou em Tenerife da Reunião "This is ISMA" (International Superphosphate and Compound Manufactures Association).

SP — O Engenheiro Agrônomo Dr. Fernando Bacelar foi nomeado Diretor da Ferticap — Fertilizantes Capuava S/A, em sua 12.ª Assembléia Geral Ordinária, cabendo ao mesmo, participar da administração e da orientação geral dos negócios da Empresa.

UM SIMBOLO

ABIL

DE TRADIÇÃO

**AGRICULTURA
& JARDINAGEM | AVICULTURA
| PECUÁRIA**

**DROGARIA
VETERINÁRIA**

(p/pequenos e grandes animais). A mais completa da cidade.

Distribuidora exclusiva dos Nutrimentos

"PURINA"

ABIL AGRO COMERCIAL Lido.

MATRIZ: R. Buenos Aires, 87 — Tels. 252-7527, 232-2408
Cx. Postal 21.209

FILIAL: R. Prof. Castilho, 151, Tel. 394-1068 — Campo Grande

MINAS GERAIS

AUMENTA A PRODUÇÃO DE ARROZ

Têm sido grandes os esforços para a tecnificação da cultura do arroz em Minas Gerais, que ainda apresenta baixos índices de tecnologia. No Plano Anual de Trabalho da Acar para 1974 está prevista a assistência técnica direta a 3.500 rizicultores, abrangendo área de 259 mil hectares, ou 29 por cento da área total do Estado. Prevê-se financiamentos da ordem de 210 milhões para a cultura, através das agências de crédito com que a Acar mantém convênio, além da produção física de 1.575.200 toneladas de arroz. Para alcançar essas metas, os técnicos da Acar utilizam instrumentos como cursos, dias-de-campo, excursões, campanhas e exposições, treinamentos de líderes, instalação de campos de ensaios demonstrativos.

Outra medida capaz de elevar os índices de produção e rendimento da cultura é a utilização racional de 400 mil hectares de várzeas férteis existentes em Minas. A média de produtividade de arroz, em torno de 1.250/kg/ha, poderá ser duplicada com a irrigação nessas várzeas.

QUASE NO FIM O PRAZO DE LEGITIMAÇÃO DE TERRAS

No primeiro semestre deste ano, o número de requerimentos para legitimação de terras devolutas em Minas cresceu em 518 por cento com relação a todo o ano passado. Os títulos de propriedade expedidos em favor de posseiros tiveram um acréscimo de 173 por cento no mesmo período, enquanto que a área medida com o objetivo de regularização elevou-se

em 291 por cento. Em 1974, 300 ocupantes de terras devolutas requereram à Ruralminas a legitimação. Este ano, o número atingiu a 1.855.

No momento está em vigor um incentivo específico para os que, de boa fé, ocupem terras devolutas por mais de cinco anos. É a Lei 6.177 que estabeleceu o preço de 17 cruzeiros e 50 centavos por hectare. Os benefícios atingem os ocupantes que requerem a legitimação até o dia 29 de novembro próximo. Há dois requisitos principais que são exigidos: a ocupação efetiva e real de boa fé, que date de mais de 50 anos e que a gleba esteja cadastrada no Incra.

UMA NOVA DINÂMICA PARA A PECUÁRIA E AGRICULTURA DE MG

Cerca de 300 municípios mineiros estão recebendo da Secretaria da Agricultura ampla documentação sobre os critérios para criação e dinamização dos Conselhos Municipais de Agricultura, Pecuária e Abastecimento — COMAPAS, órgãos cuja finalidade básica é a de estabelecer as diretrizes fundamentais para a política de atuação do município nos setores agropecuários e de abastecimento, em perfeito entrosamento com os objetivos estaduais e nacionais.

O Secretário Renato Simplício Lopes, pretende motivar todos os prefeitos, líderes da comunidade, sindicatos e cooperativas rurais a um esforço maior, no sentido de dinamizar e tornar mais efetiva a participação do órgão no processo de desenvolvimento rural. A Secretaria está enviando ainda aos municípios, modelos de projetos-de-lei, decretos e regimentos internos que seriam utilizados pelos municípios, para instituição do Conselho Municipal de Agricultura, Pecuária e Abastecimento.

COMPOSIÇÃO

O Comapa é presidido pelo prefeito e a vice-presidência cabe ao presidente da Câmara. São cargos de direção também, a Secretaria-Geral e a Secretaria-Executiva, cujos ocupantes são indicados pelos outros componentes do Conselho.

Fazem parte do Conselho as seguintes entidades, caso tenham representação no município: Camig, Casemg, IEF, Acar, Ruralminas, IBC, Cooperativa de Produtores, Sindicatos de Trabalhadores Rurais e Sindicato Rural, Ministério da Agricultura e/ou Secretaria da Agricultura, Banco do Brasil e/ou Caixa Econômica Estadual e Serviço Integrado de Assistência Tributária e Fiscal (SIAT).

ATRIBUIÇÕES

As principais atribuições dos Conselhos Municipais de Agricultura, Pecuária e Abastecimento são as seguintes:

- 1 — Identificar as atividades prioritárias dos setores de agricultura, pecuária e abastecimento do município;
- 2 — Elaborar para a Prefeitura Municipal o seu plano de atuação no setor agropecuário e de abastecimento;
- 3 — Promover a integração do planejamento municipal aos planos de desenvolvimento rural do Estado e do País;
- 4 — Estimular e apoiar a formação e o desenvolvimento de empresas rurais e agro-industriais;
- 5 — Colaborar com o Sistema Operacional de Agricultura, Pecuária e Abastecimento na consecução de seus objetivos.

ZONA DA MATA TEM PROGRAMA DE DESENVOLVIMENTO RURAL

Para acelerar o desenvolvimento econômico regional, o governo do Estado acaba de instituir o Programa Integrado de Desenvolvimento da Zona da Mata, Prodemata. Através de quatro programas — de desenvolvimento rural, de comercialização de produtos agropecuários, de integração industrial e de infraestrutura, o Prodemata prevê a aplicação de 1 bilhão e 612 milhões de cruzeiros até 1977. O Prodemata abrange 123 municípios e, entre suas metas, está a sistematização (nívelamento, irrigação, saneamento e drenagem) de 36 mil hectares de várzeas e o seu cultivo racional, a recuperação de 2.600 km de estradas vicinais, construção de centros escolares, instalação de 70 unidades auxiliares de saúde e de sistemas de abastecimento de água em 68 cidades, eletrificação rural em 1.590 km de linhas de distribuição. O programa vai desenvolver também o cooperativismo, instalar 36 armazéns, prevendo-se incentivos à pecuária leiteira, a cultura canavieira e fumageira, atingindo também todos os outros setores da agropecuária.

SERGIPE

SECRETÁRIO DA ANDA ESTEVE EM SERGIPE

Para supervisionar os trabalhos desenvolvidos pela ANCARSE com ensaios demonstrativos de adubação esteve em Aracaju o Secretário Executivo da Associação Nacional para Difusão de Adubos, Eng.º Agrôn. Hermano Gargantini.

No ensejo manteve contatos com órgãos ligados à agricultura no Estado, e com técnicos da PETROBRÁS objetivando analisar o desenvolvimento do setor e se informar sobre o andamento das negociações para a exploração de potássio em Sergipe.

MATO GROSSO CAMAPUÃ

O município que já tem 18 milhões de cafeeiros plantados e em sua maioria com a produção prevista para o próximo ano, teve um surto de progresso que o colocou entre os maiores do Estado. Milhares de matogrossenses, paranaenses, gaúchos e outros brasileiros de todos os pontos do país vieram fixar-se em Camapuã, atraídos pela "Explosão Agrícola".

Isto naturalmente exigiu das autoridades municipais um esforço tremendo para criar, em apenas dois anos, condições de infraestrutura para receber tanta gente.

O Prefeito Laucídio Pereira da Cunha intensificou seu trabalho de administrar o município, criando novas escolas, hospitais, aumentando a rede de eletrificação, sendo apontado como um dos mais atuantes prefeitos de Mato Grosso.

São Pedro dos Ferros capital do Zebu Leiteiro

Venha conhecer os rebanhos zebuínos que lideram as estatísticas mundiais.



LAMINA, RE, LM, uma das reprodutoras da

ESTANCIA KANKREI José Resende Peres



PRATINHA, RE, LM, da raça Gir, com 5.749 em 365 dias, uma das vacas do famoso plantel da

FAZENDA BRÁSILIA Rubens Resende Peres

Estamos a 3,30 horas de Belo Horizonte, via Ouro Preto-Ponte Nova-Rio Casca.

Reparta conosco o sucesso, injetando rusticidade e alta produção de leite em seu rebanho leiteiro, a um só tempo!

E venha ver as maravilhosas novilhas Holando-Zebus - sinônimo de leite a mais baixo custo. Amochadas, vacinadas contra brucelose, aftosa e carbúnculo sintomático.

Informações no Rio:
Rua Marquês de Abrantes, 11 — Ap. 501
ZC-01 — Tel.: 252-5529 — 265-3654

SO É CALVO QUEM QUER !



Use Pilo Genio para as doenças do cabelo, do couro cabeludo e da barba, use-o sempre.



PILOGENIO

AS PESSOAS IDOSAS OU NÃO

encontram o medicamento eficaz para os males da bexiga, rins, próstata e uretra



UROFORMINA

Granulado, efervescente, de agradável sabor,
PRODUTOS GIFFONI



Reunião Técnica do PLANALSUCAR

Com a finalidade de dar ao setor de entomologia um planejamento de caráter integrado nacional, uniformizando seus métodos de pesquisa, reuniram-se em Piracicaba no período de 29 de setembro a 6 de outubro todos os técnicos do PLANALSUCAR ligados a esta área,

vindos do Rio de Janeiro, São Paulo, Alagoas, Pernambuco, Bahia, etc.

A seção inaugural do conclave foi presidida pelo Superintendente Geral do PLANALSUCAR, Dr. Gilberto Miller Azzi, passando-a nas de-

mais reuniões ao assessor técnico Saúl Herman Risco que conduziu os trabalhos até a apresentação das diretrizes a serem seguidas e do respectivo relatório.

Foi apresentado, inicialmente, por vários técnicos, um relato da intensidade de ocorrência das princi-

país pragas nas várias regiões, e os danos por elas causados.

Observou-se a enorme importância que terá de ser dada aos levantamentos e demarcações das regiões ecológicas, visando a utilização dos experimentos nos campos das usinas realmente representativas. Utilizar-se-á para os levantamentos entomológicos, além das áreas plantadas recentemente as de socaria, acompanhando-se o desenvolvimento da praga desde o plantio até a colheita.

Os dados obtidos pelos técnicos das estações experimentais serão enviados ao centro de coordenação geral, em Alagoas, de onde após computados e feitas as interpretações estatísticas, serão redistribuídos para todos os laboratórios.

A ação da "Broca-do-Colmo" e dos seus parasitos será determinada por um censo populacional onde se verificará além das espécies predo-

minantes a sua estacionabilidade. A criação em laboratório dos parasitos continuará a ser feita em Alagoas, sendo posteriormente distribuídos para liberação em canaviais previamente determinados, por toda a região canavieira do País. Após a distribuição haverá sempre um acompanhamento do seu desenvolvimento e nível de infestação, através de coleta de amostras.

Está, portanto, em sequência uma campanha Nacional de Combate Biológico contra a *Diatraea*, que tantos prejuízos tem causado.

Realizou-se também na mesma data uma reunião dos administradores do PLANALSUCAR, visando a esquematização em caráter nacional de várias medidas, principalmente, no campo assistencial, administração de pessoal, prestação de contas dos servidores, administração do material, contabilidade geral, etc.

Esta, presidida pelo Superintendente, teve a participação de todos os Coordenadores Regionais e do Secretário Geral, Nelson Esteves dos Reis.

As solenidades de encerramento contaram com as presenças dos Srs. Ronaldo de Souza Vale, Presidente do Conselho do PLANALSUCAR e diretor do IAA; do Cel. Carlos Max de Andrade, Chefe de Gabinete da Presidência e José Augusto M. Câmara, Diretor de Controle e Finanças do IAA.

A partir desta semana está, portanto, sedimentada toda uma pesquisa que além de atender aos interesses do país está sendo levada a efeito nos moldes mais modernos de planejamento programado (PCP), utilizando uma metodologia única de pesquisa, com eleição de prioridades diante dos recursos e instalações físicas disponíveis.



Declaração dos Direitos da Criança

O dia 20 de novembro de 1974 marca o 15.º aniversário da aprovação, pela Assembleia Geral das Nações Unidas, da declaração dos Direitos da Criança.

A extraordinária importância do documento e a nossa convicção de que deve ter a mais ampla repercussão, levaram-nos a publicá-lo em colaboração com o Projeto de Informação Didática do Comitê Nacional de Clubes 4-S. Fazendo-o, não estamos apenas pretendendo prestar um serviço, mas cumprindo um dever.



PROCLAMADO PELA ASSEMBLÉIA DAS NAÇÕES UNIDAS
NO DIA 20 DE NOVEMBRO DE 1959

Considerando que os povos das Nações Unidas, na Carta, reafirmaram sua fé nos direitos humanos fundamentais, na dignidade e no valor do ser humano, e resolveram promover o progresso social e melhores condições de vida dentro de uma liberdade mais ampla.

Considerando que as Nações Unidas, na Declaração Universal dos Direitos Humanos, proclamaram que todo homem tem capacidade de gozar os direitos e as liberdades nela estabelecidos, sem distinção de qualquer espécie, seja de raça, cor, sexo, língua, religião, opinião política ou de outra natureza, origem nacional ou social, riqueza, nascimento ou qualquer outra condição.

Considerando que a criança em decorrência de sua imaturidade física e mental, precisa de proteção e cuidados especiais, inclusive proteção legal apropriada, antes e depois do nascimento.

Considerando que a necessidade de tal proteção foi enunciada na Declaração dos Direitos da Criança em Genebra, de 1924, e reconhecida na Declaração Universal dos Direitos Humanos e nos Estatutos das agências especializadas e organizações internacionais interessadas no bem-estar da criança.

Considerando que a humanidade deve à criança o melhor de seus esforços.

A ASSEMBLÉIA GERAL DAS NAÇÕES UNIDAS

Proclama esta Declaração dos Direitos da Criança, a fim de que ela tenha uma infância feliz e possa gozar, em seu próprio benefício e no da sociedade, os direitos e as liberdades aqui enunciados e apela a que os pais, os homens e as mulheres em sua qualidade de indivíduos,

FAÇA O BRASIL CRESCER POR DENTRO, INVESTINDO NA JUVENTUDE RURAL.



e as organizações voluntárias, as autoridades locais e os governos nacionais reconheçam estes direitos e se empenhem pela sua observância mediante medidas legislativas e de outra natureza, progressivamente instituídas, de conformidade com os seguintes princípios:

PRINCÍPIO — 1.º

A criança gozará todos os direitos enunciados nesta Declaração. Todas as crianças, absolutamente sem qualquer exceção, serão credoras destes direitos, sem distinção ou discriminação por motivo de raça, cor, sexo, língua, religião, opinião política ou de outra natureza, origem nacional ou social, riqueza, nascimento ou qualquer outra condição, quer sua ou de sua família.

PRINCÍPIO — 2.º

A criança gozará proteção especial e ser-lhe-ão proporcionadas oportunidades e facilidades, por lei e por outros meios, a fim de lhe facultar o desenvolvimento físico, mental, moral, espiritual e social de forma sadia e normal e em condições de liberdade e dignidade. Na promulgação de leis visando a este objetivo levar-se-ão em conta, sobretudo, os interesses superiores da criança.

PRINCÍPIO — 3.º

Desde o nascimento, toda a criança terá o direito a um nome e a uma nacionalidade.

PRINCÍPIO — 4.º

A criança gozará os benefícios da previdência social. Terá direito a crescer e criar-se com saúde e para isto, tanto à criança como à mãe, será proporcionada proteção especial, inclusive adequados cuidados pré e pós-natais. A criança terá direito à alimentação, habitação, recreação e assistência médica adequadas.

PRINCÍPIO — 5.º

À criança incapacitada física ou mentalmente, ou que sofra algum impedimento social, serão proporcionados o tratamento, a educação e os cuidados especiais exigidos pela sua condição peculiar.

PRINCÍPIO — 6.º

Para o desenvolvimento completo e harmonioso de sua personalidade, a criança precisa de amor e de compreensão. Criar-se-á, sempre que possível, sob os cuidados e a responsabilidade dos pais e sempre

num ambiente de afeto e de segurança moral e material; salvo circunstâncias excepcionais, a criança de tenra idade não será apartada da mãe. A sociedade e às autoridades caberá a obrigação de propiciar cuidados especiais às crianças sem família e àquelas que carecem de meios adequados de subsistência. É desejável a prestação de ajuda oficial ou de outra natureza para a manutenção dos filhos de famílias numerosas.

PRINCÍPIO — 7.º

A criança terá direito a receber educação, que será gratuita e obrigatória pelo menos no grau primário. Ser-lhe-á propiciada uma educação capaz de promover a sua cultura geral e capacitá-la a, em condições de iguais oportunidades, desenvolver as suas aptidões, sua capacidade de emitir juízo e seu senso de responsabilidade moral e social, e a tornar-se um membro útil da sociedade. Os superiores interesses da criança serão a diretriz a nortear os responsáveis pela sua educação e orientação; esta responsabilidade cabe, em primeiro lugar, aos pais. A criança terá ampla oportunidade para brincar e divertir-se, visando aos propósitos mesmos da sua educação; a sociedade e as autoridades públicas empenhar-se-ão em promover o gozo deste direito.

PRINCÍPIO — 8.º

A criança figurará, em quaisquer circunstâncias, entre os primeiros a receber proteção e socorro.

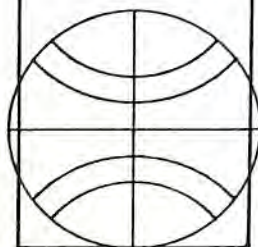
PRINCÍPIO — 9.º

A criança deve ser protegida contra quaisquer formas de negligência, crueldade e exploração. Não será jamais objeto de tráfico, sob qualquer forma. Não será permitido à criança empregar-se antes de uma idade mínima conveniente; de nenhuma forma será levada a, ou ser-lhe-á permitido, empenhar-se em qualquer ocupação ou emprego que lhe prejudique a saúde ou a educação, ou que interfira em seu desenvolvimento físico, mental ou moral.

PRINCÍPIO — 10.º

A criança gozará proteção contra atos que possam suscitar discriminação racial, religiosa ou de qualquer outra natureza. Criar-se-á num ambiente de compreensão, de tolerância, de amizade entre os povos, de paz e de fraternidade universal e em plena consciência que seu esforço e aptidão devem ser postos a serviço de seus semelhantes.

Notícias & Informações Internacionais



AVES SEM DOENÇAS FICAM MAIORES EM MENOS TEMPO

Um grupo de galinhas experimentais, livre de qualquer doença, criado em ambiente de ar filtrado, ficou um terço maior do que a média e atingiu o peso de corte aos 51 dias em vez dos 56 dias para as aves comerciais.

Metade da criação da Houghton Poultry Research Station, próximo de Huntington, no centro da Inglaterra, está sendo mantida em isoladores feitos de unidades de fibra de vidro; em cada isolador cabem 12 galinhas e um galo. A outra metade da criação encontra-se em viveiros cobertos por tendas de plástico transparente.

Nenhum dos grupos é tocado por mão humana do nascimento ao abate; os técnicos estudam as aves através de janelas.

A finalidade principal dessa criação é a postura de 100 mil ovos livres de doenças no período de um ano, para a produção de aves experimentais e para a fabricação de vacinas a serem aplicadas tanto em homens como animais, mas os cientistas de Houghton acreditam que a velocidade do crescimento das aves abriu a possibilidade de se adotar o processo comercialmente.

Uma tenda isoladora com 850 galinhas, por exemplo, custa apenas dois dólares e meio por ave. O Sr. Brian Egan, que projetou as unidades, diz:

— As galinhas estão provavelmente crescendo mais rápido porque foram eliminados os organismos perigosos que inibem o crescimento.

Ele acredita que tais condições são ainda mais favoráveis às aves do que os antibióticos dados às criações comerciais pela mesma razão, mas que não conseguem o desempenho dessas galinhas experimentais.

INGLATERRA

A LAVOURA COMPARECE A FEIRA DA INDÚSTRIA BRITÂNICA

Formalmente inaugurada em 23 de agosto por Sua Alteza Real a Princesa Alexandra, realizou-se no Parque Anhenbi, São Paulo, a maior promoção comercial que a Grã-Bretanha patrocinou em 1974 no exterior.

Sendo organizada pela Industrial Trade Fairs International Lt. veio a demonstrar o avançado nível tecnológico de suas indústrias das quais participaram cerca de 350 companhias e suas associadas brasileiras.

Lá comparecemos em companhia do pecuarista Durval Heitor de Mendonça,

EE.UU.

Os Estados Unidos são o maior parceiro comercial do Brasil, com um total de compras feitas a este país, no ano passado, de 960.400.000 dólares, informou, em Washington, a Embaixada Brasileira. A Embaixada, em seu "Boletim" de junho, diz:

"Os Estados Unidos ainda são o principal mercado do Brasil, embora sua participação no valor global das exportações brasileiras tenha baixado 22,3 por cento, em 1972, para 17,3 por cento, em 1973".

Fontes do Departamento de Estado dos EE.UU., citando dados compilados pelo Governo dos Estados Unidos, colocaram o valor das importações norte-ameri-

que em entrevista particular, procurou mostrar ao presidente da Feira Mr. David Montgomery as grandes possibilidades que se oferece ao capital estrangeiro, projetos nas maravilhosas terras do vale do Aripuanã, no norte de Mato Grosso.

Esta feira representou uma enorme oportunidade de intercâmbio comercial, tendo em vista, a grande capacidade produtiva das máquinas e implementos lá apresentados. Estudos detalhados do mercado confirmam a existência de uma crescente demanda de muitos bens que a indústria Britânica está capacitada a fornecer.

canas procedentes do Brasil em um ponto ligeiramente mais elevado — 1.183.000.000 dólares. Esses funcionários dizem que as importações procedentes do Brasil incluem: café (o maior produto) 414.000.000 dólares; açúcar, 96.000.000 dólares; sapatos, 83.000.000 dólares; carne e derivados, 40.000.000 dólares; e cacau, 36.000 dólares.

Os citados funcionários disseram que as principais exportações norte-americanas para o Brasil ocorreram principalmente nas categorias de maquinaria, trigo, equipamento de transporte, carvão, produtos de petróleo e produtos químicos para uso na agricultura.



BBC de Londres

Transmissão para o Brasil

HORÁRIO
19:00 às 21.15
hora de Brasília

FREQUÊNCIAS
12,095, 11,82, 9,765 e
9,60 MHz nas ondas de
25 e 31 metros

NOTICIÁRIOS

Boletins de notícias às 19,00, 20,00 e 21 horas.

ALGUNS DOS PROGRAMAS REGULARES:

PANORAMA:

Um vivo jornal falado, com novidades e reportagens do que vai pela Inglaterra e pelo mundo. Das segundas às sextas feiras, às 20.15.

ATENDENDO AOS OUVINTES

Dois programas muito populares, atendendo a perguntas e pedidos musicais dos milhares de ouvintes brasileiros que escrevem à BBC:

POSTA RESTANTE: apresentado por Mariana Zappert. Domingos, das 19.15 às 19.45 (repetido nas quintas, das 20.30 às 21.00).

PERGUNTE A GENNY: apresentado por Genny Cemin. Terças, das 19.30 às 20.00.

INGLÊS PELO RÁDIO

Lições especialmente preparadas para o Brasil, com explicações em português. Estão sendo transmitidas as seguintes séries:
"Vamos p'ra Frente": um curso elementar sobre a vida numa pensão inglesa. Terças feiras às 20.45, com uma repetição nas quintas feiras, às 19.45.
"A Joia Desaparecida": curso para estudantes de nível intermediário, sob a forma de uma "história policial". Segundas feiras, às

19.45, com repetição às quartas feiras, às 20.45.

"Romancistas Ingleses Modernos": um curso adiantado, que substituirá o anterior a partir de 23 de Setembro, nos mesmos horários.

CIÊNCIA E MEDICINA

Reportagens sobre as últimas novidades científicas, desde técnica dos transportes de órgãos às viagens espaciais. Quartas feiras, às 19.15 (repetido aos domingos, às 19.45).

FRONTEIRAS DO DESENVOLVIMENTO

Novidades de indústria e tecnologia, relações comerciais com o Brasil, problemas de poluição e meio ambiente. Terças feiras, às 19.15.

MUNDO DAS ARTES

Uma variedade estonteante de acontecimentos – no teatro, cinema, música, artes plásticas – numa das grandes capitais artísticas do mundo, Londres, e em todo o país. Sextas feiras, às 19.15.

REVISTA DOS ESPORTES

Futebol, automobilismo, e tudo o que vai pelo mundo esportivo. Domingos, das 20.10 às 20.30 (com um breve noticiário esportivo aos sábados, às 20.10).

MÚSICA JOVEM

Quintas feiras, às 19.15: dois programas semelhantes em semanas alternadas:

IÊ, IÊ, IÊ NA BBC – Miguel Carlos atende a seus numerosos fãs de música 'pop'.

LIGAÇÃO TOTAL – Os últimos lançamentos e pedidos dos ouvintes.

SERVIÇO MUNDIAL DA BBC (BBC World Service)

O Serviço Mundial da BBC transmite em inglês para o mundo inteiro. Os interessados devem escrever a: BBC World Service, P.O. Box 76, Bush House, Strand, London, WC2B 4PH.

JAPÃO

Desde o fim da guerra o Japão vem promovendo, de modo consistente, uma campanha de florestamento, sob a liderança principal da Agência de Florestas e do Comitê de Promoção do Florestamento da Terra Nacional (criado como organização satélite do Ministério de Agricultura e Floresta em 1950 e incorporado em 1967 com o objetivo de aprofundar a consciência do povo com relação à necessidade do florestamento). Vigorosos esforços tem sido realizados não só pelo florestamento de áreas montanhosas mas também para criar "florestas naturais de recreação" de propriedade do Estado e "florestas particulares de conservação" para benefícios dos habitantes de cidades.

Os planos são os seguintes:

- 1 - Criação de 210 "Zonas Modelo de Verdejamento" em 7 regiões, nos próximos cinco anos.
- 2 - Pesquisa e desenvolvimento pertinente.
- 3 - Coleta e fornecimento de informação.
- 4 - Serviço de consultoria.
- 5 - Treinamento e orientação.
- 6 - Intercâmbio técnico com outros países.

ANGOLA

ANGOLANOS PENSAM EM MINAS PARA FÁBRICA DE CELULOSE

Uma empresa angolana, de capitais portugueses, a Celangol - Celulose de Angola S/A, está interessada em instalar em Minas Gerais uma fábrica de celulose, com o aproveitamento da matéria prima fornecida pelos plantios de eucaliptos da região de Curvelo e Pirapora.

Com o objetivo de conhecer os maciços florestais dessa área, os empresários Fernando Manuel Lopes Serra e Victor Manuel Ferreira Lopes, diretores da Celangol, estiveram recentemente em Minas, estabelecendo contato com a Plantar Reflorestamentos, responsável pela maioria da área florestada na região.

Associação

O interesse dos portugueses é a implantação de uma indústria em associação com capitais brasileiros, sendo provável a participação da Plantar no empreendimento. Na região de Curvelo, a Plantar administra os Parques Florestais Buenos Aires I e II, onde já foram realizados plantios de eucaliptos que se estendem por mais de 5 mil hectares.

Na região de Pirapora, dentro da área mineira da Sudene, está em andamento o Projeto Marangaba, que será concluído em 10 anos, com o plantio de 120 milhões de árvores. Os portugueses pretendem o estabelecimento de um contrato exclusivo de fornecimento entre a Plantar e a Celangol, sendo possível a participação da empresa brasileira também no empreendimento industrial.

VENEZUELA

CRIADO O FUNDO DE CRÉDITO AGROPECUÁRIO

Este fundo permitirá ao Ministério da Agricultura celebrar contratos com o Banco Agrícola e Pecuário, com o Banco de Desenvolvimento Agropecuário, outros bancos e sociedades financeiras, concedendo créditos necessários a agricultura, pecuária, reflorestamento e pesca.

O referido fundo será administrado por um conselho de 7 membros, com seus respectivos suplentes, e decidirá sobre a validade dos empréstimos, bem como, seu período de duração.

POLONIA

MASSEY-FERGUSON NA POLONIA

O Presidente da Massey-Ferguson Mundial, Sr. Albert A. Thornbrough, anunciou em Toronto o estabelecimento de um acordo de cooperação entre a Massey-Ferguson e a Agromet Motoimport, representando a fábrica de tratores Ursus da Polónia. O acordo prevê um investimento total de 360 milhões de dólares,

do qual também participam a G.K.N., a C.A.V. e outras importantes empresas britânicas.

O objetivo é o fornecimento de assistência e tecnologia para a reconstrução e modernização da indústria polonesa de tratores e motores diesel. Modelos de tratores Massey-Ferguson e de motores Perkins serão produzidos na Polónia, prevendo-se que até 1980 será lançada uma produção de 75 mil tratores e 90 mil motores. Este projeto é o maior já negociado entre a Polónia e qualquer indústria do mundo Ocidental.



Bataticultura na Holanda
Batatas desenterradas por máquinas.

HOLANDA

ALGUMAS CARACTERÍSTICAS DA AGRICULTURA HOLANDESA

Em 1972 apenas 7% da população ativa dos Países-Baixos trabalhava no campo, em 1945 isto ainda era 45%.

O valor da produção bruta da agropecuária em 1972 era de 14 bilhões de florins. Destes 14 bilhões de florins, 9,5 provinham da pecuária, 2,9 da horticultura e 1,6 da lavoura.

Em 1972 o valor da produção das indústrias de Alimentos, Bebidas e Fumo foi de 26,8 bilhões de florins, isto corresponde a 26,9% do valor da produção industrial dos Países-Baixos. Assim sendo este ramo industrial ocupa o segundo lugar logo após a indústria metalúrgica sendo o terceiro lugar ocupado pela indústria química.



MARBAS - Sociedade Comercial Avícola Ltda.

Avicultura — Agricultura — Pecuária —
Piscicultura — Cunicultura — Veterinária —
Horticultura — Pássaros — Animais Silvestres — Cerâmica em geral —
Artefatos de ferro — Artigos para cães —
Plásticos e todos os artigos concernentes ao ramo

MARBAS

ENG. NOVO

Rua Barão de Bcm
Retiro, 47
Tel.: 261-6154

MEIER

Rua 24 de Maio,
1309
Tel.: 261-5419

Rio de Janeiro — Estado da Guanabara — Brasil

A evolução da exportação holandesa dos últimos cinco anos é demonstrada no seguinte quadro:

ANO	Total em bilhões de florins	Produtos agropecuários e de pesca
1969	36,1	9,8
1970	42,6	11,5
1971	48,5	12,5
1972	45,8	12,5
1973	57,2	14,7

Observação — As cifras dos anos 1972 e 1973 excluem o comércio com a Bélgica e o Luxemburgo, países que juntamente com a Holanda formam o BENELUX.

Os grupos de produtos agropecuários mais importantes na pauta das exportações holandesas no ano de 1972 foram:

	Bilhões de Florins
1 — Animais, Carnes e derivados	3,23
2 — Laticínios	2,25
3 — Legumes e frutas (inclusive em conserva)	1,83
4 — Flores e plantas ornamentais (inclusive sementes, porta-enxertos, etc.)	1,45
5 — Aves e ovos	1,12

O comércio entre o Brasil e os Países-Baixos cresceu rapidamente nos últimos anos. A tal ponto que em 1973 os Países-Baixos tornaram-se o segundo importador do Brasil logo após os Estados Unidos. O terceiro lugar é ocupado pela República Federal Alemã. Em 1973 os produtos agropecuários brasileiros exportados para os Países-Baixos totalizaram a soma de 992,5 milhões de florins.

Os principais produtos importados foram:

	Milhões de Florins
1 — Café	205,0
2 — Oleaginosas	189,9
3 — Matérias-primas para rações	164,2
4 — Carnes e derivados	87,9
5 — Açúcar	55,8
6 — Cacau (produtos de)	30,3
7 — Sucos concentrados	24,8

Em 1973 os produtos agropecuários holandeses importados pelo Brasil totalizaram 24,9 milhões de florins, sendo que os mais importantes foram:

1 — Batata-semente	8,4
2 — Leite em pó	6,2
3 — Produtos vegetais	2,9
4 — Sementes de hortaliças e flores	1,2
5 — Animais de reprodução, carnes e derivados	1,1



HARRY — Campeão N.R.S. de 1969

HOLANDA

A RAÇA MRY GANHA PRESTÍGIO NO MUNDO.

Nos últimos anos a raça Holandesa Vermelho-Branca MRY está ganhando prestígio em grande parte do mundo. Nos anos cinquenta quase nenhum pecuarista holandês acreditava que a Raça Vermelho-Branca MRY obteria um sucesso tão

grande. Naqueles anos apenas os vizinhos da Holanda ou seja, a Alemanha Ocidental e a Bélgica e o Luxemburgo eram compradores importantes do gado desta raça, naquela época também a Iugoslávia tornou-se um comprador regular de bovinos MRY. Nos anos sessenta a França tornou-se mais um cliente do gado holandês Vermelho e Branco havendo hoje milhares de cabeças desta raça naquele país. Este sucesso foi obtido devido ao fato dos franceses acharem a raça MRY ideal para o duplo propósito ou seja a produção de leite e carne. Não é afastada a possibilidade desta raça atingir na França uma im-

portância maior que a criação de Gado Holandês Preto e Branco que já é exercida há mais de cinquenta anos.

Muitos exemplares desta raça são hoje em dia adquiridos para fins de cruzamentos visto estes darem resultados altamente satisfatórios.

Nos últimos anos países do Leste Europeu e a Inglaterra tornaram-se fiéis importadores de bovinos MRY. Há pouco também os Estados Unidos e o Canadá mostraram muito interesse pelo Gado M.R.I.J.

A crescente exportação de bovinos da raça MRY a um número cada vez maior de países tem o seguinte fundamento:

- A ótima musculatura que dá carne de ótima qualidade e de alto valor

- A facilidade de ordenha e o alto teor proteico do leite;

- O elevado peso de nascimento dos bezerros MRY, em média 40 a 45 kg.

- A ótima conversão alimentar;

- O crescimento rápido.

Os bezerros machos são ótimos para serem engordados. Podem ser engordados até 140 a 150 kg com um aumento de peso diário em torno de 1.000 gramas.

É possível atingir um aumento de peso diário em torno de 1.300 gramas após a idade de três meses adicionando maior quantidade de rações à alimentação. Deste modo um touro de um ano de idade pode atingir o peso de 500 kg.

ARGENTINA

Em maio de 1973, o Banco de Boston, criou na Argentina a primeira "Escola Argentina de Exportação" que já conta com cerca de 1.000 alunos em sua maioria executivos de empresas e funcionários públicos.

O objetivo da escola é formar dirigentes e técnicos especializados na produção de exportações, na sua mecânica operativa e afirmar uma consciência exportadora através da difusão, educação e investigação.

HOLANDA

O AEROSOL "SEX ODEUR" PROVOCA O REFLEXO DE MONTA EM MARRÃS

Em ambos os casos - inseminação artificial ou monta natural - é de suma importância que aconteça no momento exato. Não é simples determinar este momento. O comportamento da marrã desempenha um papel importante nesta relação.

A duração média do cio é de 66 horas. Para a inseminação ou a cobertura importa sobretudo que a marrã apresente um reflexo específico, ou seja o reflexo de monta. Apesar do fato dos animais se encontrarem naquela fase em que teriam de mostrar o referido reflexo, parece que em 50% dos casos de marrãs virgens não ocorre este fato. Disto resultam gastos em tempo e dinheiro (três semanas de alojamento, alimentação, etc.)

Por intermédio do Aerosol "Sex Odeur" se provoca o reflexo de monta instantaneamente. Desta maneira o suinocultor pode ver rápida e exatamente quais os animais que se podem inseminar sem o risco de leitegadas pequenas.

O resultado é agradável: produção maior e custo mais baixo.

AUSTRIA

PROIBE-SE EM VIENA O USO DO CORTADOR DE GRAMA QUE PRODUZ RUÍDO NOS FINS DE SEMANA

(IdA) A repartição municipal de Proteção do Meio-Ambiente da Municipalidade de Viena promulgou recentemente um decreto em virtude do qual se proíbe durante o fim de semana (a partir das 12 do sábado e durante os domingos) o uso do cortador de grama e outras máquinas de jardinagem que produzem ruído sobretudo dos aparelhos que funcionam com motores de combustão. Para as infrações ao decreto estão previstas multas de até mil xelins austríacos.

INFLAÇÃO

Eis os aumentos das taxas de inflação registradas em alguns países nos últimos doze meses:

País	Custo de vida - %	Preços por atacado
EE.UU.	10,2	20,1
Inglaterra	13,5	15,7
França	13,0	29,6
Itália	14,0	23,7
Japão	23,9	35,5
Alemanha	7,1	11,6
Suíça	10,0	11,0
Brasil	27,3	29,9

RAÇÕES BALANCEADAS

IRMOSAL

IRMOSAL-Bovino N.º 1
Ração balanceada para
manutenção de bovinos

IRMOSAL-Bovino N.º 2
Ração balanceada para
vacas leiteiras até 10 litros-dia

IRMOSAL-Suíno N.º 2
Ração balanceada para
crescimento e engorda de suínos

IRMOSAL-Bovino Popular
manutenção de bovinos

IRMOSAL-Suíno Popular
manutenção de suínos

"IRMOSAL" - Indústria de Ração e Moagem de Sal S. A.

Av. Brasil, 12.698 - Rua Um, 66/66 - A - Mercado São Sebastião - S.I.F. N.º 477
Telefones 260-5561 e 260-5580 - Seção de Vendas 260-5560 - Escritório - Rio de Janeiro, GB.

FAZENDA CAPELA DE SÃO JUDAS TADEU



Proprietário: Engenheiro Agrônomo JOÃO BUCHAUL

VENDA PERMANENTE DE REPRODUTORES

Entre as Estações de Rio Dourado e Professor Souza
Casimiro de Abreu — Estado do Rio de Janeiro

Endereço para correspondência:
Avenida Atlântica, 3940 — apto. 702 — Copacabana — Tel. 247—8890



GIR LEITEIRO

O acasalamento de vacas mestiças com touros da raça GIR produz maior número de bezerros, possibilita maior lactação, o bezerro se contenta com menos leite e não há problemas de parto.

Além disso, todo criador experiente sabe que "campeiro não tira leite de vaca brava".



PUSHPANO KRISHNAGAR JAC
Campeão em diversas exposições
fluminenses e mineiras

CONSULTE-NOS PARA UM BOM NEGÓCIO

